

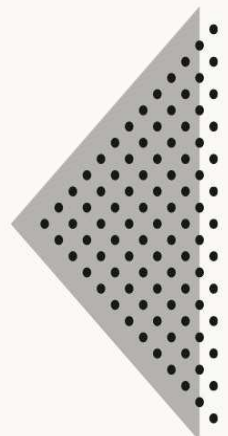
Escola Projeto

MINHAS NARRATIVAS DE AVENTURA

Nome: _____

Turma 41/2022

Prof. Caliana



SOBREVIVA, SE PUDER...

Antonio e Francisco Samuel

Um dia, um professor de surf chamado Luís, estava numa corrida de surf quando uma onda o atingiu. Um tempo depois, ele acordou numa ilha não mapeada. Ele estava pendurado em uma árvore com homens o encarando. Luís perguntou:

- Quem são vocês? Que lugar é este?

Os homens o atacaram e ele conseguiu lutar, mas acabou desmaiando por causa de um soco no rosto.

Luís, ainda meio tonto, acordou pendurado em uma caverna com o líder da tribo apontando uma lança no peito de Luís.

- Você é o líder deles? – Perguntou Luís.

O líder da tribo acenou com a cabeça dizendo que sim. Luís vai tentando se soltar das cordas que o amarravam e consegue dar um soco no rosto do líder, se soltando das cordas violentamente. Conseguiu bater em outros dois homens da tribo, conseguindo ir para bem longe daquele lugar.

Caminhando pela ilha, Luís encontrou os destroços de um avião e se lembrou de ter visto, há 15 anos, uma reportagem de um avião gigante desaparecido e ele era igual ao que ele encontrou.

Pelo visto, o avião havia caído na ilha onde Luís estava e pareceu-lhe que os tripulantes desse avião eram os habitantes da ilha.

Luís achou que havia suprimentos de emergência, mas estava enganado. Depois, conseguiu encontrar um monitor estragado. Luís tentou se comunicar através desse monitor, mas a conexão estava muito ruim.

Luís começou a sentir fome e procurou comida. Encontrou algumas frutas desconhecidas. Experimentou uma delas e desmaiou, ficando desacordado por algum tempo.

Acordou e fez uma lança com os destroços do avião. Alguns lobos o atacam violentamente, mas Luís atacou-os com sua lança, matando-os.

Depois, fez uma fogueira para assar a carne dos lobos. Resolveu guardar uma parte da carne para comer no dia seguinte.

No dia seguinte, ele comeu metade da carne que tinha guardado e deixou uma pequena parte da carne para comer no próximo dia.

Acordou vendo os homens da tribo roubando sua carne. Quando os homens da tribo perceberam que Luís tinha acordado, começaram a atacá-lo, mas ele os nocauteia com um soco no rosto, prendendo-os.

De repente, uma outra tribo atacou o professor de surf e o nocauteia com um murro no rosto. Ele acordou em uma masmorra em uma sela, vê um homem e perguntou:

- Quem é você?

- Eu sou um guardião desta tribo – respondeu o homem.

- Como vocês chegarão aqui?

- Nós estávamos navegando e, do nada, uma onda enorme nos atingiu, nos trazendo para cá!

Então Luís deu um soco na cara do guardião, pegou a chave e depois saiu. Mais homens da tribo apareceram, atacaram Luís, mas ele conseguiu se defender de todos.

Enquanto isso, o líder dessa tribo e mais alguns de seus homens estavam planejando uma emboscada para matar o líder da primeira tribo, pois queriam dominar a ilha.

Depois de conseguir sair daquele lugar, Luís foi contar para o líder da primeira tribo que estavam armando uma emboscada para ele. Na hora, o líder da primeira tribo decidiu declarar guerra contra a segunda tribo.

Luís tentou escapar da guerra, mas não conseguiu. Então, se juntou com a primeira tribo e recebeu ordens do líder:

- Está acontecendo uma guerra e você é o meu melhor soldado, pegue esta armadura feita de couro e ossos e vá lutar!

Alguns homens da tribo rival os atacaram violentamente e Luís conseguiu matar dois deles com a sua lança.

No dia seguinte, todos os homens se alinharam no campo de batalha e, quando todos já estavam preparados, a guerra recomeçou com uma violenta luta. Luís usou sua lança e matou três soldados, ferindo-os no peito. Depois, foi atingido no rosto por um soco, mas não desmaiou, pois a proteção da forte armadura era forte. Ele então revidou com um golpe certeiro de sua lança, matando outro soldado.

Enquanto isso, um parceiro de Luís foi atacado por quatro soldados simultaneamente e conseguiu se defender usando sua espada.

Os líderes das tribos estavam lutando, usando apenas a força de seus punhos, quando Luís chegou e cravou sua lança na testa do líder da segunda tribo, matando-o e encerrando a guerra.

Como forma de agradecimento, o líder da primeira tribo construiu uma prancha de surf para Luís voltar para casa.

Durante a travessia, uma onda gigante atingiu Luís. Após lutar por horas, para não morrer afogado, Luís desmaiou exausto sobre a prancha e foi encontrado por um grupo de resgate, que finalmente o leva para casa.

FIM

Muralha InVeRtIda

Ana, Leila e Francisco E.

Em 2004, uma adolescente de 15 anos chamada Maria Clara, que vivia no Rio de Janeiro, amava se aventurar sozinha pela cidade grande e ir à praia. Ela era uma jovem muito curiosa, adorava usar regatas, porque se sentia mais livre e leve. Ela também usava bastante shorts, mesmo quando estava numa temperatura mais baixa. No seu pé, ela tinha uma chuteira que sempre usava na hora de ir para qualquer lugar. A jovem tinha olhos verdes mais escuros, um cabelo curto de tom escuro e era um pouco morena

A garota morava com o seu pai Bruno, ele trabalhava no escritório de uma joalheria e tinha 49 anos. A mãe da jovem tinha morrido quando ela tinha apenas 5 anos de idade. Agora a garota estuda no 9º ano do Ensino Fundamental, nos anos finais, e está em uma turma de 32 pessoas.

Em sua cidade havia uma grande muralha, onde ninguém nunca se atrevia a ultrapassá-la. Desde o começo de sua construção, a grande barreira estava sendo protegida por todos os cargos do governo, inclusive por policiais, militares e agentes do FBI da cidade.

Maria achava a ideia de terem construído uma muralha em sua cidade muito cafona, pois não entendia o conceito dela e o que ela estava determinada a esconder. A grande muralha era agressivamente grandiosa, sobretudo que tinha 15 km de altura e era feita de tijolos na parte externa, mas com uma camada de ferro no interior de seu acabamento. Sendo assim, contornava a cidade do Rio de Janeiro sem possibilidade de fuga, até mesmo sendo impiedosa e impedindo o mar de chegar até lá.

Toda semana, a menina chegava cedo na escola, sempre pensando em sua expectativa para conseguir cruzar a muralha. Por pensar tanto nessa muralha, a garota acabava não prestando atenção na aula, apesar de passar com a média nas provas. Sempre depois das aulas, Maria ficava num pedacinho da cidade, pensando na grande muralha e se aventurando, escalando e se divertindo entre as coisas.

Naquele fim de semana, ela estava em sua cidade com um plano no bolso de como cruzar a muralha. Do nada, Maria teve uma vontade dramática de ir se divertir na praia, então foi para sua casa, botou umas roupas de verão e foi andar naquela linda praia arenosa, porém, quando chegou, esbarrou em um homem. Ele era magro, bem alto, usava um grande calção branco com algumas listras azuis claras e uma camiseta de manga curta laranja

florida, que tinha um estilo bem praiano. Usava óculos de sol arredondados e grandes e parecia ter dado um sorriso para ela.

Mesmo sem seu olhar suspeito, que os óculos cobriam, dava para perceber algo pelo seu sorriso meio interessante. Maria seguiu reto, mas acabou tropeçando e se segurou para não cair. Com isso, infelizmente, o plano da muralha, que estava quase fora do bolso da garota, acabou caindo bem na frente do homem, que agarrou bem rápido o plano dela.

O homem observou os desenhos e as ideias do papel e falou:

- Opa!! Parece que você quer ultrapassar a muralha...

- Como você sabe?! — Maria disse, mas logo já mudou a frase - Quer dizer... É isso mesmo...

- Eu sei como cruzar ela, eu posso te ajudar, mas você tem que me dar algo em troca de minha ajuda.

- O que você quer? — A jovem disse curiosa.

- Ha ha ha! (Risada maligna).

- Qual é o problema, senhor?

- Você precisa me dar o cristal da joalheria, que está protegido pelo governo!

- Hahaha!! Pare de brincadeira! Isso é impossível! Fala logo o que você quer! — Maria diz sem acreditar no praiano.

- Eu estou falando sério!

Depois de ouvir isso, Maria se paralisa por um tempo, lembrando que seu pai trabalha lá, então ela cria coragem e diz:

- Senhor, meu pai trabalha lá...

- Se você não roubar o cristal para mim, o governo vai saber que uma garotinha quer ultrapassar a muralha e você sabe que as últimas pessoas que tentaram, receberam pena de morte! Isso significa que não estão mais entre a gente, mas se você roubar eu não digo ao governo e também vou impedir de saberem que você roubou. Afinal, você vai ou não vai?

- Ok... Eu até vou, mas agora me diga, o que você sabe sobre a muralha! — A menina falou um pouco desconfiada.

O homem saiu correndo, dando gargalhadas, até sumir de sua visão dizendo:

- Só depois que você conseguir o cristal para mim!

Maria voltou furiosa pensando no homem. Estava ansiosa, pois não sabia se o que o homem tinha falado era verdade, então a jovem voltou para casa pensativa e já sabia o que fazer.

A menina abriu a porta de sua casa e percebeu que seu pai estava trabalhando no computador. A garota diz:

- Oi, pai! Eu posso ir com você no seu trabalho amanhã? — A menina diz, estando muito nervosa por dentro.

- Sim, claro, filha..., Mas, por que?

- Para ver o ambiente e conhecer a joalheria! - Maria tenta falar mais calmamente possível.

- Ah... Ok, pode sim!

A garota estava nervosa com seu plano, mas aliviou um pouco, pois tinha terminado a primeira parte dele. Depois disso, Maria dormiu, mas sempre pensando no praiano.

No dia seguinte, Maria levantou e foi direto tomar seu café da manhã. Aquele seria um grande dia para ela.

Seu pai a leva para o trabalho de carro. Lentamente, pois o carro de Bruno era um Daewoo Espero vermelho, de 1993. Um tempo depois, eles chegam na empresa, ficam na frente da porta do local.

Neste momento, antes de entrar, a jovem sente uma ansiedade e engole um grande seco. Quando entram no espaço, a garota se depara com a decoração e estrutura dele: um cubículo grande, sem janelas, o chão úmido e sujo entre suas laterais, tinha um cheiro de tapete molhado, tinham paredes com um tom monocromático de branco e lâmpadas fluorescentes com um pouco de zumbido fraco.

Seu pai escuta o telefone tocar no seu escritório, então, antes de ir, diz:

- Filha, eu vou ao meu escritório atender a ligação, enquanto isso, você pode ficar andando pelos corredores do trabalho, eu já volto!

Quando o pai sai, Maria começa a andar pelos outros locais da joalheria, quando se depara com uma porta aberta. Então a jovem atravessa e vê um grande corredor. Entra no lugar. Quando percebeu, ela estava com medo, mas não tinha toda a certeza do porquê.

Com o tempo ela entende o motivo de seu medo. Enxerga um corredor onde uma luz piscava ali. Então, com seus passos silenciosamente calmos, ela sente um calafrio e seu coração começa a bater mais rápido. Ela vê que era um ambiente vazio.

Após alguns segundos de silêncio, a jovem escuta alguma porta rangendo, então começa a correr para chegar no fim do corredor. Ela tenta abrir todas as maçanetas das portas que tinham ali, mas todas estavam trancadas. Até que, por fim, ela chega no final do corredor.

Maria percebe que só uma porta estava aberta, a última, a do fim do corredor. A garota abre a estranha porta e lá estava o cômodo onde o cristal ficava.

A jovem estava numa pequena sala vermelha, com uma porta de tubulação grande no teto, dois guardas armados e uma mesa alta e estreita, onde ela enxerga uma pequena caixa de vidro com o cristal dentro. Maria sente um grande desespero porque vê que os guardas estavam protegendo a joia e estavam prontos para atirarem, então a única saída de Maria era distrair os guardas dizendo:

- Que cara é aquele?

Os guardas saem da sala e olham para esquerda. Neste pequeno tempo, ela pega seu canivete (que estava no seu bolso) e acerta a lâmpada que estava na sala do lado direito. Os alarmes se ativam com um grande som que ecoa pela empresa. Os guardas se reúnem rapidamente na sala central, inclusive seu pai.

Nestes minutos, Maria consegue tirar a capsula de vidro quadrada que protegia o cristal e o rouba colocando-o no bolso. Ela sobe na mesa e foge pela tubulação. Lá é escuro, empoeirado e apertado, com musgo entre os tubos.

Os guardas voltam em suas posições originais e tomam um susto quando veem que o cristal não está mais lá. No mesmo momento, lembram das câmeras, que estavam destruídas por causa do roubo de semana anterior.

Maria sai da tubulação que dá para fora do prédio. Sai um pouco úmida e empoeirada. Ela vai direto para praia com esperança de encontrar o homem. Encontra-o e mostra o cristal. Logo responde com uma voz macabra:

- Aqui está a troca!

Ele entrega um envelope sujo e amassado. Maria abre o envelope e vê um mapa com informações interessantes. O homem pega o cristal que estava na mão de Maria e sai correndo.

Maria vai em direção a sua casa com o envelope nas mãos. Ela tremia o segurando. Chega em sua casa e começa a preparar sua mochila. Seu pai ainda não tinha chegado. Na mochila, estava seu canivete, uma garrafa d'água que suportava 500 ml, 3 barras de cereal, um casaco azul e, num bolso pequeno o envelope e o seu telefone.

Sai de casa com sua chuteira, uma regata laranja, um short de cintura alta e o casaco amarrado na cintura. Ela segura o envelope na mão e o lê trêmula.

Aqui estão as informações que você pediu. o mapa abaixo é o que tem do outro lado da muralha. Existe um furo na construção da muralha perto da placa de PARE.

Maria sai correndo com sua mochila nas costas, indo em direção a placa de PARE, que fica perto da muralha. Ela acha suspeito não ter nenhum guarda por ali, mas não reclama e passa pelo buraco.

Maria Clara fica sem palavras quando vê uma floresta. Se vira e a muralha desaparece. Não dá nem um passo porque vê um pombo deformado se aproximando. Ele tinha pele cinza amarronzada e bico podre.

Maria começa a correr desesperada para sair, pisando com força no chão. Ela foge e procura um abrigo. Acha uma caverna que é escura e oca. As paredes são robustas e duras, o chão é duro. Maria dorme no chão frio, usando sua mochila como travesseiro.

Ela acorda de manhã, seu cabelo está um pouco bagunçado e suas roupas sujas e amassadas, logo fica com fome e come uma de suas 3 barras de cereal e bebe um pouco de água, mais precisamente 80 ml, deixando sua garrafa apenas com 420ml de água. Depois de um certo tempo, ela sai da caverna e está um dia ensolarado com a fauna linda, mas se depara com uma borboleta de 4 metros de altura, 4 olhos e 10 pernas.

A menina logo recua assustada, a borboleta se aproxima e estende as asas para Maria subir. Ela sobe um pouco surpresa com o carinho do animal. As asas são leves como um lençol aconchegante.

A borboleta pega o impulso e começa a voar com Maria nas suas costas. Elas sentiam uma brisa suave. Depois de um longo voo calmo, elas se deparam com 2 cachorros gigantes de 9 metros, pulando em sua direção para atacá-las. As duas voavam alto, mas mesmo assim, só tinha poucos centímetros dos pulos dos cachorros.

Maria grita desesperada e, sem pensar, pula da borboleta e vai caindo em folhas macias e um pouco úmidas, que reduziram seu impacto. Maria cai num rio frio, mas não muito agitado, com alguns troncos de árvores no rio e gravetos. Quando a menina olha para trás, vê sangue para todo lado e a borboleta morta, rodeada pelos dois cachorros a comendo.

A menina se apoia num dos troncos que estava no rio, ele era molhado e cheio de musgos escorregadios. Ela consegue sair um pouco molhada e come mais uma de suas barras de cereal e bebe mais 100ml de água de sua garrafa, sobrando apenas 320 ml.

Ela decide colher algumas frutas. Logo encontra uma árvore com frutas rosas e fofas. Ela pega uma das frutas macias e, ao mesmo tempo, um pouco robusta, mas logo joga a fruta no chão, porque a fruta tinha perninhas, pequenos braços e apenas um olho e uma boca. A árvore começou a tremer. Maria ficou assustada e mais frutas começam a cair em cima da menina, e ela percebe que são fofos e inofensivos.

Ela vai andando para a gruta e percebe que uma das frutas a segue e a colocou na sua mochila. Maria Clara chega na gruta e abre a mochila. Leva um susto quando vê a criatura comendo todas as suas barrinhas de cereal. Maria dorme.

No outro dia, Maria decide partir em sua jornada para sair do outro lado da muralha. Pega seu canivete, a mochila e parte. Passa por árvores, lagoas e pequenos animais, como coelhos, raposas e esquilos. Depois de uma longa caminhada de 40 minutos, a menina enxerga uma luz forte vindo de um buraco, era uma espécie de caverna subterrânea e enorme. Ela decide descer.

Ela ouve sons de água passando por baixo dela e chega até uma poça. A luz vem de cristais todos brilhantes e reluzentes. Maria decide pegar uns e colocar na mochila. Antes que ela pudesse reagir escuta uma grave voz dizendo:

- Quem ousa invadir minha caverna?

Maria estremece e, com medo, apenas responde:

- Onde estou?

- Em minha grande caverna de cristais! Me responda: quem é você? E por que está aqui?

- Estou perdida... sou Maria Clara...

- E estava tentando roubar meus cristais?

Mentindo, a menina responde com um calafrio:

- Apenas observando sua beleza... - Eu preciso sair desse lado da muralha.

- Agora está tudo explicado! Você é uma das pessoas do outro lado! Para sair - continua a voz - precisa devolver tudo o que pegou aqui e passar por obstáculos.

- Quais são os obstáculos? - Diz Maria, tirando a fruta da mochila.

- Diversos, você vai entender! Deixe aqui mesmo as coisas que tem que devolver e apenas siga os cristais azuis.

Maria já havia guardado um cristal em um compartimento da mochila, sem nem perceber. Ela começa a seguir os cristais com brilho azul e chega até a parte de fora da caverna. Havia uma placa dizendo com o primeiro obstáculo.

Logo a frente, muitas raízes grossas. Ela pegou seu canivete e, com esperança, pulou por cima das raízes. Algumas eram difíceis de passar, mas, mesmo assim, Maria não desistiu.

Ao passar por todas as raízes, mais uma placa sinalizava o segundo obstáculo. Dessa vez era um rio gigante com pequenas pedras fazendo uma trilha até um lugar onde tinha névoa. Maria Clara não conseguia ver. Pulando sobre as pedras, a garota finalmente descobriu o que tinha atrás da fumaça: uma alcateia dormindo. Pendurada numa árvore, uma placa dizia: último obstáculo.

Cautelosamente, Maria começou a caminhar através da grama. Ela já havia ganhado um pouco de experiência em ser discreta quando roubou o cristal, mas não ao ponto de não acordar lobos famintos. Sem querer, pisa em um graveto fazendo um "crec" e acorda 3 dos lobos.

Ao perceber, começa a correr com toda sua velocidade, mas os lobos fazem a mesma coisa. Assustada, Maria se esconde atrás de uma grossa árvore e os lobos passam reto.

Silenciosamente, a jovem anda para o outro lado e, de longe, vê uma parede. Com esperança de ser a parede da muralha, corre até lá. Era mesmo a muralha. Ainda preocupada, Maria encosta na muralha e, como estava escuro, usando os dedos, vai à procura de alguma passagem ou buraco como o que ela passou.

Depois de um tempo, ela quase já estava desistindo porque não achava nada, mas começou a escutar vozes. Era do outro lado. Maria começa a bater na muralha e grita:

- Estou aqui!

Mas não houve resposta. Mesmo assim ela não desiste, o que foi muito bom, pois Maria Clara encontra uma parte da muralha na qual vinha uma luz como a do sol. Corre até lá e encontra sua cidade. A jovem passa e, quando vê, já havia sumido o buraco.

Sem acreditar, corre até a sua casa, ela passa por um cartaz de desaparecido que tinha sua foto. Quando chega, vê seu pai Bruno no sofá e grita:

- Pai!

Espantado, o pai responde:

-Filha! Meu Deus! Onde você esteve? Fiquei tão preocupado!!

Quando ela foi responder, lembrou do cristal do governo e das câmeras e fala:

- Desculpe-me, eu não queri...

O som da TV a interrompe com a voz de uma jornalista falando que os alarmes que haviam tocado no trabalho do pai de Maria havia sido um erro do sistema e que o cristal estava no seu lugar de antes.

Ao ouvir isso, a menina se alivia e lembra do homem da praia. Teria sido ele que devolveu o cristal?

- Eu me perdi - responde Maria para o pai.

- Entendo você não conseguir explicar.

A jovem o abraça e cai entre lágrimas. Sua vida volta ao normal, ela arruma sua mochila para a escola e encontra o cristal da caverna. Confusa, mostra para o pai e lembra que o roubou da caverna. Maria inventa uma desculpa de como conseguiu o cristal.

- Achei enquanto estava perdida.

Espantado, o pai responde:

- Uau, é seu, só não espalhe que tem um, se não tentarão roubar. Ela volta ao seu quarto e olha pela janela. Ela vê o homem com um papel escrito: eu o devolvi. Maria sorri para ele e acena. Sabendo daquilo, decide guardar esse segredo para sempre.

OS CAMPONESES

Enzo e Rodrigo

Era uma vez dois camponeses, Fredd e Roberta, que eram casados. Fredd era um homem sério, com cabelo curto e preto e olhos marrons. Roberta era uma mulher magra, com cabelo comprido e loiro, olho azul e ela era bem alegre.

Os camponeses estavam fugindo da Áustria por causa de uma guerra. Estavam atrás de uma cidade chamada Bollyva-York, mas eles demoraram muito para achar a cidade.

Depois de muito tempo, os camponeses chegaram na cidade, mas tentaram não serem vistos por ninguém. Quando eles entraram na cidade, correram pelo meio das casas e prédios escondidos. Os camponeses chegaram numa rua, não tiveram escolha e atravessaram a rua.

Quando eles atravessaram a rua, viram os policiais indo na direção deles e falando para que ficassem parados. A polícia levou os camponeses para a delegacia para fazer algumas perguntas a eles. O policial perguntou quem eram e de onde vieram. Roberta respondeu:

- Nós somos camponeses, meu nome é Roberta e ele é o meu marido Fredd. Nós fugimos da Áustria por causa de uma guerra.

Os policiais não acreditaram no casal e acharam os dois suspeitos, considerando-os criminosos. Assim, os camponeses tiveram que ficar por um ano e meio na prisão.

O tempo passou e os policiais pensaram sobre os camponeses. Viram que o casal não era criminoso. Decidiram que iam deixar os camponeses saírem da prisão. Porém eles não tinham uma casa.

Um tempo depois, conseguiram uma casa, um trabalho e comida. A profissão da Roberta era professora e a profissão de Fred era de degustador.

Depois de muito tempo vivendo em paz, eles viram aviões atirando bombas na cidade de Bollyva-York. Roberta saiu da casa correndo, com medo, mas Fred estava saindo pela porta e a tragédia aconteceu: uma bomba caiu em cima dele.

Roberta correu muito e se escondeu num bunker perto das montanhas. Ela esperou 4 anos no bunker, chorando bastante por causa do Fred.

Quando Roberta não escutou mais explosões, ela resolveu sair do bunker e viu que não tinha mais nenhum avião no céu. Como não havia mais nada para se fazer, Roberta resolveu viver no bunker que estava e conseguiu viver lá, só que triste.

O ESPIÃO

Nina e Beatriz K.

Num dia de chuva com raios, em uma prisão de segurança máxima, Rodrigo, um prisioneiro que tinha roubado todas as lojas que ficavam perto dali, havia fugido. No dia da fuga, ele achou que ninguém o tinha visto, mas ele estava errado, pois um espião da agência ADPL o viu.

O agente se chamava Dexter, tinha o cabelo vermelho, olhos pretos e 1,85 de altura. Foi falar com sua agência sobre o caso da fuga do ladrão. A agência deixou Dexter investigar a fuga, mas teria uma condição. Naquele momento, alguém bateu na porta da sala de Dexter. Ele abriu a porta e viu uma pessoa. Ela disse:

- Prazer, sou seu parceiro!

- Como assim!? – Perguntou Dexter.

O chefe explicou tudo para Dexter e então ele disse:

- Está bem, mas isso é permanente?

- Não – disse o chefe – é só por um tempo.

- Qual seu nome? – Perguntou Dexter ao novo parceiro.

- Brand!

- Meu nome é Dexter!

- Prazer! Espera... Dexter Byers?

- Sim! Espera... Brand loro?

- Nós somos primos!!

Brand, com seus olhos verdes e cabelo preto, seguiu Dexter para pegar seus equipamentos e seu uniforme. No caminho, ouviram um barulho muito alto perto da arma mais perigosa do mundo. Eles correram até a sala onde estava a arma, mas, quando chegaram, só tinha uma carta escrita: se quiserem recuperar a arma, vocês terão que participar de uma corrida na Floresta do Pesadelo Sombrio.

Os dois não faziam ideia de onde ficava a tal floresta, mas com a ajuda do GPS, eles conseguiram chegar lá. Os dois olharam devagar para a floresta e, de repente, começou a

chover e relampear. Eles saíram correndo para dentro da floresta e viram uma pessoa correndo para um lugar muito escuro.

Os dois caminharam devagar. Dexter tropeçou e caiu. Olhou para ver no que tropeçou e viu um filhote de *shih tzu*, com pelo branco e manchas marrons claro. Brand falou:

- Podemos ficar com ele?

- Não!

Brand ficou bravo com Dexter. Ele escondeu o pequeno filhote dentro da mochila. O filhote começou a uivar e Dexter perguntou:

- Você não está com aquela maquininha de pulga, né?!

Brand faz que não com a cabeça.

- Tem certeza?

- Sim!

- Absoluta?

- Sim...

- Está bem! - Disse Dexter, desconfiado.

Muito tempo depois, eles pararam para descansar em uma caverna escondida. Dexter foi olhar a mochila de Brand, que estava atirada em uma pedra, e encontrou um pouco de pelo de cachorro. Foi correndo para falar com ele, que estava treinando o cachorro com muito amor em sua barraca.

Quando Dexter foi abrir a porta, percebeu que a porta estava trancada, mas conseguia ouvir Brand treinando o filhote e entendeu que ele estava tentando ajudar o filhote. Dexter os deixa em paz.

Depois de um tempo, Dexter bateu na porta da barraca de Brand e falou:

- Oi! Eu vi que você está com o filhote.

- Sim - responde Brand - podemos ficar com ele, já está treinado e não vai fazer nada de errado.

Dexter faz que sim com a cabeça. Brand soltou o filhote e ele saiu correndo em direção ao Dexter. Dexter abaixou e ele falou:

– Nós temos que dar um nome para ele.

– Verdade, mas eu não estou com criatividade!

– Esse filhotinho é um inferno – fala Dexter sendo mordido pelo filhote.

– Boa ideia, Dexter.

– Mas que ideia?!

– Dexter, passa o dicionário de inglês!

– Ok!

– Hell!

O filhote atende.

– O novo nome dele é Hell! – Fala Brand.

Hell começou a farejar um cheiro. Ele saiu correndo, uivando. Brand e Dexter o seguiram e chegaram à floresta. Em uma árvore muito alta e escura estava o ladrão, que fala:

– Meu nome é Rodrigo! Que a corrida até a cidade de Beni comece. O prêmio é a maior e mais perigosa arma.

Ele sumiu. Dexter e Brend ficaram confusos com duas coisas: como Hell sabia que o ladrão estava lá? Como ele havia desaparecido?

De qualquer jeito, iriam à cidade de qualquer maneira. A cidade ficava a 20 quilômetros dali. Chamaram Hell e correram para uma caverna que era um atalho. A caverna era um crânio humano gigante, com pedras que lembravam dentes, tinha rubis nos olhos e dois furos no nariz.

Eles chegam ao primeiro de três desafios. Vinte minutos depois, Rodrigo ficou aparecendo em vários locais e, em pouco tempo, essa caverna parecia um labirinto em forma de um corpo humano, porque quase todo lugar era sem saída.

Depois de 2 horas explorando a caverna, finalmente encontraram a saída. Hell começou a correr e uivar de novo. Brend e Dexter foram atrás dele, mas isso era mais uma armadilha de Rodrigo para impedi-los de vencer a corrida.

O segundo desafio era escalar uma montanha muito íngreme e grande. Brend ficou preocupado com Hell porque ele não sabia escalar, mas Dexter tinha um plano de colocar o cachorro na mochila e subir com ele dentro, porque Brend o amava do fundo do coração. Mas não foi nada disso. Hell subiu com tranquilidade e na hora de descer foi muito divertido para os três.

Depois de descer, eles chegaram no último desafio, que era uma aldeia cheia de casas abandonadas e teias de aranha que escondia muitas armadilhas. De algum jeito eles não caíram em nenhuma delas. Quando eles estavam saindo da aldeia, viram Rodrigo entre as árvores correndo escondido. Dexter, Brend e Hell correram também. Eles estavam a poucos centímetros da linha de chegada, quando Hell deu um pulo e ganha a corrida.

Rodrigo ficou com tanta, mas tanta raiva, que deu um tiro no cachorro e o tiro acertou um dos olhos. Brend e Dexter não acreditaram nisso, mas Hell era um robô. Eles olharam para o lado e viram a arma que tinha sido roubada da agência. Eles correram para pegar a arma de volta. No mesmo instante, a polícia chegou. Prenderam Rodrigo, cientistas remontaram Hell, que voltou com sua memória e pode fazer parte da agência ADPL, como ajudante dos parceiros Dexter e Brend.

Todos viveram grandes aventuras como espiões.

ENVENENAMENTO

Clara e Arthur

1999, fim de ano. Era para ser o maior baile de máscaras de todos os tempos, mas virou uma grande tragédia...

Scott, uma pessoa como todas as outras, tinha uma família unida, como a maioria das famílias na época.

Na escola de Scott, tinha um garoto bem quieto e que nunca falava com ninguém, estando sempre sozinho. Um dia, Cawton, um valentão da turma, jogou seu almoço nesse garoto que era mais quieto.

Depois desse dia, Cawton nunca mais apareceu na escola. Todos ficaram preocupados com ele. Então seus amigos bateram na porta de sua casa e seus pais disseram que ele não aparecia há dias e que espalharam posters pela cidade, em sua procura.

Scott estava assistindo TV, quando uma reportagem apareceu:

“Corpo de adolescente é encontrado numa fábrica abandonada”.

Scott percebeu que aquele corpo era de Cawton. O jovem levou um susto quando a campainha tocou. Porém era apenas o carteiro entregando uma carta, que dizia que Scott seria o rei do baile da escola.

Scott ficou muito feliz em saber que ele seria o rei do baile, mas não sabia quem seria a rainha. Na carta estava escrito que o baile aconteceria em 1 mês, no Canadá.

De tão ansioso, Scott fez suas malas e lembrou que o rei do baile sempre viajava de primeira classe. Pensando nisso, deu um pequeno berrinho de tão feliz.

No dia seguinte, aquele menino quieto da escola, foi em direção a Scott:

- Olá! Sou Bad... – disse o menino com uma voz baixa.

- Oi? – disse Scott.

Bad deixou Scott falando sozinho e foi embora. Mas, antes de sair de perto de Scott, deixou um bilhete para ele. No bilhete dizia as seguintes palavras:

*No dia do baile, me encontre
às 19h30 em frente à mesa de
comida.*

Scott ficou confuso com o bilhete, mas iria encontrá-lo.

Três semanas se passaram e Scott já estava em seu voo de primeira classe quando descobriu que a rainha do baile era Charlie, uma de suas amigas.

O voo chegou no aeroporto do Canadá e todos pegaram um ônibus que iria para o hotel. Scott desfez suas malas e arrumou seu quarto. Esperou na recepção do hotel.

Quando todos chegaram, o professor falou que eles teriam o resto da tarde para explorar o Canadá com os amigos.

Charlie decidiu sair sozinha e foi capturada por alguém. Duas horas depois, Scott, já em seu quarto, viu uma reportagem na TV:

“Corpo de adolescente é encontrado em fábrica abandonada.”

Scott ficou muito chocado em ver que Charlie havia morrido. Em função da morte da menina, o baile foi adiado por uma semana.

Ketlin foi escolhida a nova rainha do baile. Era a garota que fazia bullying com Scott.

Ketlin foi até o quarto do Scott:

- Bom dia, Ketlin... - Falou Scott de forma triste.

- FICA QUIETO!!! - Gritou Ketlin.

- Nossa, não precisa ser tão grossa assim, Ketlin.

- Estou nem aí, só vim dizer que você não vai ser o rei do baile nesse baile de máscaras, quero que meu rei seja o Ronaldinho.

- Aquele chato?

- ELE NÃO É CHATO! E VOCÊ NÃO VAI SER REI DO BAILE!

Ketlin foi até a recepção e explicou ao professor que Scott não quer mais ser rei do baile e dá seu cargo a Ronaldinho.

Uma semana depois, Ketlin estava no Baile de máscaras com um vestido muito brega, Ronaldinho estava de uniforme, pois era preguiçoso. Scott foi com uma fantasia do Eistein e Bad estava de Manto preto. Todo mundo estava feliz!

O Baile estava lindo, parecia um palácio real, com belos balões dourados e pratas com uma música lenta e romântica. Junto com uma bela mesa de aperitivos preparados por um chefe francês.

Todos estavam dançando com sua dupla. Scott não tinha dupla, pois ela tinha morrido poucos dias antes do acontecimento do baile.

Já era 19h30min e Scott olhou para Bad e foi em sua direção. Quando Bad percebeu que já estava na hora de encontrar Scott e viu que já estava indo em sua direção, Bad ficou um pouco assustado.

- Oi, Bad! Tudo bem? – falou Scott, um pouco confuso.

- Olá, Scott... – falou Bad de uma forma um pouco suspeita.

- Está tudo bem, Bad? – Perguntou Scott preocupado.

Bad não parava de dar risadinhas com um ar maléfico, deixando Scott falando sozinho. Bad foi em direção ao palco e grita:

- EU SOU BAD, O BRUXO MAIS PERIGOSO DO MUNDO!! AJOELHEM-SE PERANTE A MIM, AJOELHEM-SE!

Ao ouvir essas palavras, Scott fugiu do baile e não viu a tragédia que estava por acontecer.

Um gás verde se espalhou pelo baile e todos que estavam lá morreram. Bad pisou em todos os corpos e percebeu que nenhum deles era o corpo de Scott, justo quem ele mais queria matar.

Bad suspeitou que Scott estava em seu quarto, mas estava errado. Scott já estava indo para o aeroporto para pegar seu voo de volta para os Estados Unidos. Scott queria esquecer tudo o que viveu nesses dias...

Depois de algumas horas, o voo acabou, Scott saiu do aeroporto e pegou um taxi, O taxista ofereceu-lhe uma balinha de morango.

-Ummhhh, que balinha deliciosa! – exclamou Scott.

-Obrigado... SCOTT! – Falou o taxista de forma ansiosa.

- COMO VOCÊ SABE MEU NOME?!?!?

- PORQUE SOU BAD, O DONO DA MORTE DE TODOS DO BAILE E DE TODOS OS ALUNOS, INCLUSIVE CAWTON E CHARLIE, E SOBROU UM POUQUINHO DE VENENO PARA SUA BALINHA...

Logo, Scott desmaiou e morreu.

Todos que estavam no baile receberam um lindo funeral. Quanto à Bad, está pelo mundo, matando mais e mais pessoas...

SOMBRIA MISTERIOSA E SOLITÁRIA

Olívia e Beatriz P.

Capítulo 1

A PIOR MALDIÇÃO

Vanessa Di Ângelo sabia que sua paixão era espionar, mas seus pais não aprovaram esse destino para sua filha.

A família Di Ângelo é muito pobre e Lucas, o irmão mais novo de Vanessa, é obrigado a roubar para eles terem o que comer.

Eles moravam em uma modesta casa que tinha uma porta gasta, janelas quebradas e cômodos muito pequenos. Além de um mezanino com dois colchões.

Quando Vanessa tinha dez anos, Lucas saiu para roubar comida e, quando voltou para a casa, não sabia que havia roubado algo envenenado. Assim, era o que tinha para comer e os pais aceitaram aquela comida sem reclamar. Vanessa e Lucas não tocaram na comida, pois a refeição era dos pais, a anterior tinha sido deles. Seus pais comeram tudo, já que estavam mortos de fome.

Na manhã seguinte, seus pais não acordavam de jeito algum. A filha mais velha subiu as escadas do mezanino e encontrou os seus amados pais, Thiago e Marina, pálidos, parados e de olhos abertos na cama. Vanessa viu na sua frente o semblante o da pior maldição: a morte.

Vanessa deu um berro e Lucas correu em direção a irmã, que chorava desesperadamente no final da escada.

- Vanessa - gritou ele - o que houve?

Vanessa estava soluçando e nem conseguiu responder. Ergueu a mão trêmula apontando para os cadáveres e, da forma que o irmão os olhou, também parecia um.

A mais velha, depois de se acalmar a ponto de conseguir falar, gritou.

- LUCAS, ISSO É TUDO CULPA SUA!!!

- COMO A CULPA PODE SER MINHA? - Indagou, com o mesmo tom de voz.

- FOI VOCÊ QUE TROUXE ESSA COMIDA QUE MATOU NOSSOS PAIS! POR QUE VOCÊ NÃO VAI EMBORA E NÃO VOLTA MAIS?

Lucas saiu correndo e Vanessa ficou sozinha com o vento esvoaçando seus longos cabelos ruivos. Ela entendeu que deveria seguir sua vida sozinha, mas não imaginava o que estaria por vir.

Capítulo 2

SETE ANOS DEPOIS...

Vanessa era uma nova pessoa. Sentada em meio ao céu nublado, ela contemplava o Lago Ness, na Escócia, e as árvores que o cercavam sabendo que, naquele dia cinzento, ela voltaria a sua terra natal, Porto Alegre.

Vendo seu reflexo, percebeu que, com 17 anos, não era mais a mesma. Seus longos cabelos feito chamas já não eram tão chamativos e seu rosto feliz do passado agora era sombrio, semelhante a seus olhos, que outrora eram verdes e que se enchiam de lágrimas toda vez que pensava nos pais e no irmão.

Durante esses sete anos, Vanessa nunca mais ouviu falar do seu irmão. Ele vivia em Porto Alegre e seguiu uma vida de crimes.

De repente, o relógio tocou 14h e era hora de ir para o aeroporto. Vanessa pegou suas coisas que estavam jogadas na relva e caminhou rapidamente entre as árvores em direção ao aeroporto.

Chegando lá, correu em passos apressados na escada do avião e sentou-se ao fundo.

As horas demoravam a passar e Vanessa ainda se preparava emocionalmente para sua chegada.

Ao aterrissar, ela correu os olhos pelo aeroporto e avistou um garoto com as mesmas características físicas dela, cercado pela polícia.

Quando chegou mais perto para analisar a situação, o garoto a viu e disse:

- Foi ela! Juro que sou inocente!

Pela voz, ela reconheceu a identidade do garoto, era Lucas.

Todo o corpo policial focou seus olhares em Vanessa, principalmente Genevive, que era apaixonado por ela desde a infância.

- Não foi a Vane... digo a moça. Foi ele! - Disse o policial apontando para Lucas, ou melhor, achando que estava, pois Lucas já havia fugido.

Vanessa corria em disparada em busca da saída. Assim que encontrou uma, a empurrou com toda a força, mas não teve resultado.

Tateou os cabelos em busca de um grampo, estava sem tempo. Enfiou o objeto encontrado em seus cabelos ruivos na fechadura, abriu a pesada porta e, com o vento cortando o seu rosto, disparou por entre os carros.

A fugitiva fechou a porta novamente, encurralando os policiais. Saiu para o estacionamento, escalou a grade e pulou.

Capítulo 3

TRETA AO PÔR-DO-SOL

Vanessa correu até o ponto de ônibus mais próximo e percebeu que os agentes continuavam em sua cola. Subiu no primeiro transporte, que ali parou.

Deu o dinheiro para o moço do guichê, sentou-se ao lado da janela, mas logo se arrependeu, porque observando percebeu que precisava ou sair dali ou de um disfarce. Os policiais a seguiam pela calçada. Sair não dava, pois havia um homem de cachecol ao seu lado bloqueando a passagem.

Assim que o ônibus parou no próximo ponto, os perseguidores entraram no transporte e Vanessa se abaixou, percebendo que o homem que estava a seu lado havia esquecido seu cachecol. Ela enrolou-o em seu rosto, cobrindo metade dele. A mulher que estava sentada atrás dela dormia de óculos escuros. Vanessa retirou os óculos delicadamente da face da mulher e colocou-os em seu rosto. Saiu do ônibus.

Se deu conta de que os policiais continuavam procurando por ela dentro do transporte. Vanessa olhou em volta procurando um esconderijo e foi então que percebeu que já estava na Orla do Guaíba.

O rio se iluminava clandestinamente e o sol mostrava seus últimos raios no horizonte. Vanessa simplesmente parou, começou a lembrar de sua infância, contemplando o rio com o sol se pondo.

Sem perceber, tirou o cachecol do rosto e os óculos dos olhos, então os policiais a reconheceram e o silêncio foi rompido por um berro:

- Achamos você, sua ladra! Foi você que roubou o cofre do MARGS! - Gritou uma policial chamada Paula.

Vanessa ouviu uma voz aguda vindo por de trás dela e se virou num pulo.

- Tenho certeza de que não foi ela! - Era a sra. Carola, a dona do museu! Foi um garoto meio ruivinho.

E foi aí que Vanessa percebeu que a sra. Carola tinha a ajudado no ônibus se disfarçando de homem e deixando o cachecol por querer.

Tomada pelos pensamentos, Vanessa recuou e tropeçou, caindo de costas na água.

Capítulo 4

A ILHA DAS PEDRAS BRANCAS

Depois de se recuperar do baque e ver que os policiais não estavam mais a perseguindo, Vanessa começou a dar braçadas rápidas com medo de perder o fôlego que, no caso, foi o que aconteceu.

Quando já estava quase afundando nas profundezas, ouviu um contínuo bater de asas e um leve piado de ave, olhou para cima e viu uma águia um pouco maior que o normal indo em sua direção.

Assustada, fechou os olhos. Quando os abriu, estava voando pelo rio, carregada pela águia. Vanessa viu um mato e de repente a ave começou a descer, descer, descer e praticamente despencar até uma estranha ilha.

Chegando lá, Vanessa resolveu olhar melhor o lugar e mais adiante encontrou uma placa empoeirada na qual dizia: BEM VINDOS À ILHA DAS PEDRAS BRANCAS.

Ela limpou a poeira e atrás da placa encontrou um mapa no qual apontava ao extremo sul da ilha. Vanessa correu até lá animada e voltou com o sentimento totalmente contrário, pois não havia encontrado nada.

Vanessa lembrou da situação que se encontrava e onde estava: longe de casa e perseguida. As lágrimas brotaram de seus olhos cinzentos e, com a visão borrada, enxergou uma borboleta. Vanessa se lembrou de algo que amava fazer quando criança: correr atrás de borboletas. Limpou as lágrimas que ainda rolavam pelo seu rosto e começou a brincadeira.

A garota ria, ria tanto que, de repente, caiu de cabeça pra baixo, na frente da placa e analisando novamente seu divertido enigma. Teve uma ideia.

O ponto vermelho esquisito que marcava o extremo, agora sim fazia sentido. Vanessa descobriu que olhava do ângulo errado. O certo era ver de cabeça para baixo, então o que o ponto marcava era o lado norte da ilha.

Vanessa se animou esperando encontrar algum tipo de tesouro e ficou pensando nas mil possibilidades de coisas que queria ter enquanto corria. Chegando lá, não encontrou exatamente o que esperava. Havia uma fazenda abandonada que não era muito convidativa. As madeiras estavam lascadas e cheias de lama e a grama estava seca. Pelo menos era um lugar para ela dormir.

Ao entrar na mini casinha passou por muitas teias de aranha em um corredor escuro. Mais adiante encontrou uma sala, tão pequena quanto a que morava quando era criança.

Nessa sala tinha uma porta que levava a um corredor, que levava a um quarto, menor ainda. *“Pelo menos tem uma cama”*. Vanessa pensou.

Ouviu um barulho vindo da tal sala e saiu pela pequena porta para olhar e encontrou a mesma águia que havia a salvado no rio. Vanessa tentou espantá-la de todas as formas possíveis.

Atirou as teias de aranha nela, gritou o mais alto que pode, imitou um pássaro e pulou pela janela, isso entre muitas outras coisas.

Por fim, entendeu que o animal queria ficar ali e ser seu amigo. Cheia dos “pelo menos”, Vanessa pensou: *“Pelo menos tenho uma companhia, sendo ela uma águia. Um belo animal para uma espiã como eu. Espiã?”*

E foi se deitar, tendo a águia como companhia.

Capítulo 5

A ESPIONAGEM

Na manhã seguinte, Vanessa acordou com um estrondo e correu até a sala, mas não viu nada. Saiu para procurar algo para comer e na porta da casa encontrou montes de frutinhas, de todos os tipos, e a águia posicionada ao lado delas.

Vanessa fez carinho em seu “pet” e, recolhendo as frutas do chão, percebeu que havia um bilhete no qual estava escrito:

As frutas mais doces para a pessoa mais doce.

Ela olhou para a águia, que deu uma espécie de sorriso. Será que a águia tinha escrito isso? *“Não, não, não, não. Não existe isso. Estou ficando louca.”*

Vanessa voltou com suas habilidades de espiã e resolveu analisar a letra ou o papel do bilhete.

Sentou-se em um sofá que tinha perto da janela e ficou olhando. Conhecia aquelas cores.... Azul, amarelo, parece que é de algum tipo de escritório.

- Polícia! - Gritou ela - Será mesmo?

Depois da pergunta, a detetive ouviu um barulho de passos, ou melhor, de corrida. Vanessa voltou-se para o corredor e novamente não viu nada. O dia seguiu normal. Vanessa nem pensava mais no bilhete.

No outro dia, Vanessa acordou novamente com um estrondo e correu até a sala e não viu nada. Se preparou para ir pegar comida, abriu a porta e encontrou na sua frente a cena

do dia anterior: havia montes de frutinhas, de todos os tipos, e a águia posicionada ao lado delas.

Dessa vez, Vanessa foi direta. Buscou em meio aos alimentos alguma pista e viu um cartão no qual estava escrito:

Você é que nem manteiga, pois derrete no meu coração.

Ao lado, havia um chapéu de policial. Vanessa olhou para frente e ele estava lá. Genevive.

- O que faz aqui? - Perguntou ela, em estado de choque - Como me encontrou? Veio me prender, né?!

- Bem, quantas perguntas... Primeiro, vim aqui para te ver. Case comigo? Segundo, esta fazenda é minha. Gostou dela? E terceiro, não vim aqui te prender. Vim te levar de volta. Aceita?

- Bom, primeiro, acho que sim. Depois, acho que não muito e depois claro que sim!

EPÍLOGO:

Genevive levou sua amada em um barco de volta para Porto Alegre e foram direto para a delegacia. O policial provou que Vanessa realmente era inocente e a nomearam espiã oficial de lá.

A águia continuou com Vanessa e levou o nome de Misteriosa, em homenagem a aventura que tinham vivido juntas.

Vanessa e Genevive se casaram e ela percebeu que aquilo não era um fim, e sim, um novo começo.

ACAMPAMENTO DE FÉRIAS

Ana

O FRACASSO

Greg era um menino pálido, magro, alto com poucos amigos e um pouco arrogante. Adora julgar as coisas, gosta de jogos de terror e não gosta de sair de casa. Às vezes encontra seu amigo Barnei em sua casa e eles se divertem pouco. Seus pais eram bem amigos, então Greg não tinha opção de recusar a visita de Barnei.

No último dia de aula, Greg acorda e vai a aula com um uniforme amassado: um casaco preto e uma mochila verde amassada e furada, com os materiais jogados dentro dela. Desce as escadas todo pronto, toma um café da manhã com um humor “ótimo”. Na cozinha, estava a mãe de Greg. Ela se chamava Suse e tinha o cabelo marrom, usava um óculo castanho, tinha sardas no rosto, vestia uma camisa florida e uma calça jeans. Ele vê Greg e fala, enquanto serve o café.

-Bom dia, Greg!

-Bom dia, mãe! Preciso mesmo ir à aula hoje?

- Sim, Greg! Agora tome seu café.

Greg pega o pão, dá uma mordida, bebe um pouco de leite e pega a van para ir para escola. Chega à aula, vê Barnei e o ignora.

Barnei era um menino quieto, seu cabelo era curto e marrom, usava suéteres coloridos, sapatos pretos e nunca opinava nas coisas. Sempre era vigiado pelos pais e, mesmo tendo 15 anos igual a Greg, não podia ver coisas de terror e não tinha celular, o que Greg achava bem ridículo.

Greg senta em sua carteira que estava ao lado de 2 meninos nojentos, pois grudavam chicletes e tatus embaixo das carteiras. Sua primeira aula era de história. Aprenderam várias coisas, mas Greg não prestou atenção em nada.

Sr. Wonka, o professor de história, era um homem ruivo, com sardas, um nariz grande, usava suéteres apertados e velhos e era bem barrigudo. Nesse dia, chamou a atenção de Greg, pois viu que ele não estava prestando atenção na aula.

Muitas aulas se passaram até chegar a aula de Educação Física. Greg ficou no time de Barnei e eles perderam, mas não foi culpa do time dele, pois o professor os dividiu em grupos

por peso e altura. Os maiores ficaram reunidos num time e os menores no outro. Depois da Educação Física, foi a hora do refeitório, que era um caos. As mesas estavam todas ocupadas e Greg, no fim, decidiu que ia comer só em casa. A aula acabou.

Greg saiu pelo corredor tentando passar pela multidão que estava na escola. O menino chega nas escadas, desce correndo e pega o ônibus da escola, que estava lotado.

Chega em casa, dá um oi rabugento para sua mãe. A mãe pergunta:

- O que aconteceu, viu o Barnei hoje? Você anda desanimado essa semana, reparo que você não tem muitos amigos.

- Nada mãe, só mais um dia chato na escola. – Greg fala subindo as escadas de sua casa, indo em direção ao seu quarto.

Greg fica mexendo no celular até a hora do almoço. Sua mãe o chama:

- Greg, venha cá! O almoço já está nessa mesa!!!

- Já vou, mãe!

Greg desce as escadas correndo, chega no primeiro andar e vê uma mesa com uma toalha de renda, três pratos com decorações no canto, três copos americanos, duas panelas, uma com massa, a outra com carne de panela. Greg desce o último degrau da escada e vai em direção ao banheiro, lava as mãos, anda em direção a mesa correndo. O pai de Greg entra pela porta. Ele se chamava Roger, um homem com cabelo castanho, um nariz comprido, olhos verdes, sardas laranjas e usava uma camisa de gola de estampa quadriculada. Em cima usava um casaco aberto marrom, com uma calça jeans. Lava as mãos, vai em direção a mesa e fala:

- Oi, Greg! Como foi a escola no último dia?

- Foi legal... – fala sentando-se à mesa e pegando a colher para se servir a carne de panela.

O pai de Greg bota o casaco na cadeira, dá um beijo na esposa e se senta falando:

- Que humor é esse, filhão?!

Pega a colher da massa e se serve. Depois pega a carne de panela, todos se servem e fica um silêncio constrangedor. A mãe de Greg fala:

- Greg, você anda muito isolado, sem amigos. Você devia sair mais de casa.... Já sei....

Você vai para um acampamento de férias de verão!

O pai concorda com a cabeça. Greg fala:

- Não, mãe! Ideia horrível!

- Não, Greg! Já está decidido: você vai, sim! Também acabou de abrir um acampamento aqui no lado da mata da cidade. O nome é Camp Park, você tem que já arrumar as malas e amanhã você já vai para lá.

- Está bem, mãe... que saco!!

Greg sobe as escadas bravo, tranca seu quarto e começa a arrumar as malas.

No dia seguinte, toca o despertador, Greg acorda em seu quarto, que tem paredes cinzas, um quadro de futebol americano, uma sexta de basquete na porta, um monte de roupas jogadas no chão, no canto esquerdo do quarto tem uma mesa com um PC gamer, no meio sua cama de madeira com edredons cinzas bagunçados, do lado uma mesinha de cabeceira, bagunçado com um despertador em cima.

Greg levanta, põe a roupa, calça os tênis, pega sua mochila, que usa como mala, desce as escadas nada animado, dá oi para sua mãe, se senta à mesa, pega o leite e o sucrilhos, põe na tigela, pega a colher e come lentamente. Depois de terminar, levanta-se da mesa, caminha em direção a porta, a abre e vê o ônibus em frente da sua casa. Sua mãe fala:

- Tchau, Greg! Cuide-se!

Seu pai chega na sala e dá um tchau enquanto boceja. Greg fecha a porta e entra dentro do ônibus, que estava um pouco acabado e sujo.

Greg observa o ônibus amarelo por dentro e por fora, sobe as escadas pretas, dá um oi caído e cansado ao motorista, que era pálido, com milhares de verrugas no rosto e usava um uniforme branco e azul. Greg entra mais no ônibus, vê as cadeiras pretas e sujas, com buracos, o chão com marcas estranhas, que Greg nem queria saber como haviam parado ali.

Depois disso, Greg examina as pessoas. Na fileira da frente duas meninas reclamando, pois não queriam estar ali. No fundão do ônibus, quatro meninos, dois deles usavam roupas bem despojadas e estavam com skates na mão, enquanto os outros dois usavam uma gravata, camisa de gola, óculos e eram gêmeos. Por fim, no meio, 2 meninos e uma garota, um menino

era ruivo, sentava-se na frente e ficava tirando tatu do nariz, o outro menino sentado do lado da garota, um valentão com regata preta e calça jeans, do lado do menino valentão, a menina era loira, tinha olhos azuis e usava uma roupa de vôlei.

Greg se senta do lado do menino ruivo, já que foi o único lugar que sobrou para ele. Passa algum tempo e eles chegam ao acampamento, que estava caindo aos pedaços e que ficava localizado no meio da mata.

Greg desce do ônibus nojento, pisa finalmente na superfície e vê um guia com pele laranja, cabelo loiro, olho verde, dizendo:

- Olá, crianças da nova geração! Meu nome é Bily, eu vou me apresentar para vocês. Serei o guia de vocês. Aqui é um pouco perigoso, então, se bobear, "JÁ ERA". Agora recebam esse papelzinho que diz o nosso cronograma. Eu tenho um ajudante, o Steve.

Steve tinha cabelos marrons, usava uma roupa bege e tinha uma pele branca.

- Oi, galera! Meu nome é Steve. Tenho 22 anos e é isso.

-Ok, Steve! Agora vamos pedir para vocês se apresentarem.

As meninas da frente falam:

- Meu nome é Stephanny, e eu sou muito rica. Essa do meu lado é a Brithney, ela é muito popular e muito famosa, então não mexam conosco, se não chamaremos a polícia pelos nossos iPhone 14 pró Max, não é Brithney?

- Isso mesmo, miga!!!!!!

Bily fala:

- Muito bem lembrado vocês duas, coloquem os celulares aqui dentro!!

- Que saco!!!!!!!!!!!!!!

Bily continua falando:

- Ok! Então prossigam.... Quem vai se apresentar agora? Que tal o menino mais alto, aquele que parece um valentão?!

- Oi, meu nome é Hegradid. Eu odeio todo mundo, menos a Carly.

- Oi, galera! Meu nome é Carly e sou bem legal.

Então o menino ruivo fala:

- Olá, meu nome é Jeremy! – Fala enquanto come um tatu.

Depois os gêmeos falaram:

- Oi, eu sou o Guimmy e esse do meu lado é o Jimiwigui, somos muito inteligentes, viemos para aprender.

Os guris despojados falam:

- Oi! Eu sou o Maicon!

- E eu o Dancan!

Bily fala a seguir:

- Bom, agora só falta se apresentar o gurizinho de capuz...

- Oi, eu sou o Greg!

Depois de Greg se apresentar, Bily fala para o seguir. Eles passam por trilhas estranhas e animais nojentos, pelo menos é o que Greg acha. Finalmente chegam ao acampamento. Eles veem um amontoado de galhos no meio de 8 barracas imundas. Em volta da fogueira havia 10 pedras para serem usadas como banco.

- Boa, galera! Agora são 4 horas da tarde, então me acompanhem para uma trilha, só não se esqueçam de levar uma garrafa de água. Sigam-me! Mas não toquem em nada se não o pior pode acontecer... – Fala Bily.

Todos começaram a seguir Bily, muitos com medo e outros nem aí. Estavam numa trilha com muito barro, as meninas escorregam e Brithney e Staphanny caem em plantas verdes escuras com um formato de fogo. Elas começam a se coçar, mas ninguém dá muita bola.

Depois de meia hora caminhando, veem no chão pequenas manchas de sangue. As meninas gritam de susto e de dor, Bily olha e elas tinham caído em urtigas que queimam a pele e fazem você se coçar até sangrar. Bily explica que isso acontece com quem tem alergia. Elas saem correndo, sangrando, e todos continuam a trilha com uma cara de medo e susto. Depois de explicações e caminhadas, eles olham pra trás e veem as meninas estateladas no chão, com sangue em volta. Bily não percebe e continua.

Eles passam por árvores com frutas até chegarem numa árvore com uma fruta verde. Bily explica que seu apelido é árvore da morte, pois muitos morrem por inalar seu cheiro

quando é queimada ou porque a comem sem saber que é venenosa. Outra forma de morrer com essa fruta é encostar nela, já que queima sua pele fortemente. Conta que a única pessoa que conseguiu comer essa fruta e não morrer foi um homem com saúde muito, que era também era lutador de boxe. Ele comeu e aguentou até chegar a ambulância. O nome dele era Cristofe. Depois de Bily terminar a sua falação, Hegradid, o valentão, pegou a fruta na mão e falou:

- Aposto que eu consigo comer essa fruta, isso é apenas “mimimi”...

Hegradid queima a mão e põe a fruta na boca. A engole e começa a chorar e tossir sem parar. Começou a sair sangue da boca do menino, que estava caído no chão. Todos levam um susto e Bily fala que iriam voltar para as barracas e que não eram para se preocupar com os corpos.

Voltaram para a trilha com o maior cuidado do mundo. Greg estava com medo, mas ficou quieto. Depois de meia hora caminhando, chegaram as barracas. Greg foi em direção a sua barraca e foi dormir. Todos estavam bem apreensivos.

DIA 2 NO ACAMPAMENTO

Greg acorda pelos insetos e barulhos e sai da sua barraca. Acorda meio zozinho, mas vê Jeremy chorando, pedindo para ir embora. Bily conversa com ele e chama ele para dentro de sua barraca. Depois de um tempo, Bily volta e vê Greg olhando a cena. O cara fala que Jeremy foi para casa. Às 10 da manhã todos estão acordados, sentados em volta da fogueira. Bily fala:

- Olá a todos! Hoje passaremos por uma trilha diferente, com mais obstáculos e aventura. Mas espera aí!! Estão faltando dois pestinhas. Ah! Já sei! Quem são Maicon e Dancan? Porcaria! Perdi iscas. Mas bom... vamos começar a trilha.

Eles seguem pela trilha de pedras atrás de Bily. Todos tomam muito cuidado e seguem a trilha desconfiados, até chegarem numa caverna com estalactites no teto. Quase caindo, Guimmy pergunta se não é perigoso uma estalactite cair na cabeça deles.

Eles entram mais e mais para dentro da caverna até chegarem num lugar tão estreito que quase esmagava os corpos das pessoas que passassem por lá. Bily deu a “ótima” sugestão de passar por lá. Então, como Bily era o guia, o seguiram.

Passaram encolhidos, todos bem quietos e tremendo. Quando Carly foi se espreguiçar, acabou batendo a cabeça nos espinhos e morrendo. Todos tremeram mais e mais, mas continuaram a caminhada. Encolhidos, andaram e andaram até chegar num ponto que a caminhada não era mais estreita e apertada. Todos voltaram a posição normal, mas estavam tão cansados que dormiram na caverna mesmo.

NOITE 3 – NÃO MAIS NO ACAMPAMENTO

Eles acordam na caverna. Era um dia frio e não comiam fazia 3 dias. Já estavam sem forças. O cansaço afetou os adolescentes. Bily deu bom dia para eles e falaram que a comida seria resolvida rapidamente.

Os meninos viram Bily voltar a trilha que tinham percorrido. Depois de 3 minutos, Bily voltou com uma espécie de carne na mão. Eles viram e correram até ele. Se esbaldaram na carne, quando Jimiwigui perguntou do que era feita. Bily fala que a carne era da amiguinha Carly. Os dois comeram a carne chorando, mas comeram, já que não queriam morrer. Depois do sofrimento, continuaram a trilha.

Caminharam e caminharam mais e mais, até verem um resquício de luz. Todos correram até lá, mas quando viram, a saída estava coberta de estalactites e estalagmites. Todos estavam desesperadas para sair. Estavam com machucados e sangrando, vestindo roupas rasgadas.

Foram correndo até a luz, os dois meninos estavam desesperados, então deram socos e socos nas estalactites e estalagmites. Seus braços sangravam. O braço esquerdo de Greg prendeu entre as pedras ponte agudas. Ele teve que arrancar seu próprio braço. Jimiwigui dava chutes desesperados até sua perna prender também. Ele arrancou sua perna e disse:

- Estamos ferrados!! Onde viemos parar? Eu já estou sem perna e você sem braço. Aquela porcaria de Bily não ajuda em nada, a única coisa que quero É SAIR DAQUI!!!!!!

Depois de tanto tempo batendo nas pedras, eles conseguem abrir caminho. Os dois rastejavam para saírem dali, até que se deparam com uma selva. Eles se rastejam para continuar a andar, mas percebem que uma coisa os segura. Então, veem que era Bily que ele estava com uma faca na mão. Bily fala a seguinte frase:

- Vocês dois foram os escolhidos para o fim do nosso joguinho. Faremos um pequeno teste com vocês. Vocês irão brincar de pega-pega aqui nessa selva que fica na Austrália,

onde se localiza os animais mais perigosos do mundo. Vocês já pensaram em quem será o pegador?! Euzinho!! Quem for pego por mim, morre! Apenas o outro pode ser libertado. Então, que comessem o jogo! Vocês têm um minuto para fugir!!

Greg vai pela direita e o outro menino pela esquerda. Eles correm rastejando e sangrando. Greg passa por árvores verdes e se rala em algumas plantas. Ele começa a se coçar e sangrar mais e mais, mas não para de correr, já que quer apenas viver.

Jimiwigui corre, passa por frutas vermelhas e laranjas, esbarra em galhos, sangra pela perna, corre mancando, mas continua porque quer apenas viver.

Greg tenta achar a saída, pega pedras do chão para se defender e continua correndo e correndo. Jimiwigui corre mais e mais e começa a ouvir passos, risadas de louco. Começa a chorar e mancar até que vê facas e uma sombra se aproximando. Depois vê apenas o escuro e sente apenas a dor. Soa um alarme enorme na selva e Greg para de correr. Bily diz:

- Não gosto de promessas, agora é você!!!!

Greg ouve isso e corre até não poder mais. Ele para rapidamente, já que vê uma cobra coral verdadeira. Ele pensa que já estava ferrado, então passa por este caminho mesmo. É picado e começa a ficar zozzo, mas corre mais e vê a saída. Quando vê que Bily está ali, ele foge para o outro lado. Quando Bily o pega, fala:

- Querido, Greg! Terei mais piedade com você e explicarei o que está acontecendo...

Greg não dá ouvidos e começa a tacar as pedras que tinha pegado no homem. Greg tropeça, vê Bily se aproximar, vê o escuro, mas não sente dor, só adormece. Quando acorda, está numa sala preta e escura. Está com seus ferimentos curados, acha que é um milagre. Quando vê, Bily está em sua frente e, do seu lado, seu ajudante Steve. Atrás deles havia um homem com uns 2 metros de altura, ele tinha cabelos escuros, sorriso maligno e usava um terno. Quando viu aquilo, Greg ficou surpreso e disse:

- O que vocês querem? Sou apenas um garoto normal.... Afinal, por que me curaram?

O homem maligno e alto fala:

- Meu querido, meu nome é Wallace, eu sou chefe deste "acampamento". Você tem duas escolhas: a primeira é morrer de velhice, só que começaremos uma guerra mundial que começará daqui um mês, ou a segunda opção é morrer cruelmente e ser torturado.

O menino fica confuso e acaba escolhendo a segunda opção. Depois daquele dia, foi noticiado nos jornais e na TV que diversos corpos foram encontrados no acampamento novo e que tinha aberto na cidade. Sua mãe vê a reportagem e chora, principalmente porque o destaque da notícia era ter encontrado um corpo torturado (o de Greg).

Eles investigam o caso por 2 anos até conseguirem desmascarar a história real. Muitos falam que é farsa. O acampamento foi fechado e não visitam nem mais a rua do acampamento. Alguns porque tem medo e outros porque não querem ver os corpos que deixaram lá. Muitas ruas dos Estados Unidos tem o nome do garoto Greg. Sua mãe concedeu muitas entrevistas.

Os donos do acampamento não foram pegos. Bily, Steve e Wallace estão por aí. A única coisa que vemos que tem em comum é o símbolo do acampamento ser uma caveira com uma montanha atrás. A coisa estranha é que todos da cidade nasceram com esse símbolo tatuado no braço.



FAZENDA OU CIDADE?

Antonio

Capítulo 1: TECNOLOGIA ESQUISITA

Há muito tempo, moravam em uma fazenda muito distante da cidade, dois irmãos gêmeos chamados Alberto e Gioberto. Eles tinham 8 anos e adoravam viver lá, porque havia de tudo: cavalo, galinha, vaca, porco, ovelha, tinha de tudo! Eles adoraram cuidar dos animais.

Um dia, um carro que tinha vindo da cidade grande, tinha passado na frente da fazenda, tocando um barulho muito alto. Depois que o carro passou, Alberto e Gioberto foram perguntar ao seus pais:

- De onde veio aquele carro, e que barulho foi aquele?

- Aquele carro veio da cidade grande! E aquele barulho era o que eles chamam de música!

Alberto e Gioberto, depois daquela conversa com os seus pais, ficaram curiosos com o resto de coisas desconhecidas da cidade grande.

Quando chegou a hora de dormir, os irmãos ficaram conversando sobre o que poderia ter de desconhecido lá. Alberto disse:

- Se aquele carro faz aquele barulho todo, imagina o resto.... Pode ter outros 100 ou 1.000 carros!

Gioberto disse:

- É, e se não tiver colheita não precisamos ficar aqui!

Então eles ficaram conversando por um tempo, até que Gioberto disse:

- Então está decidido, vamos para cidade grande descobrir todas as outras coisas esquisitas que eles têm para mostrar!

Depois Alberto disse assustado:

- O que?! Você está MALUCO? Ir para CIDADE GRANDE? Olha, sempre pensei que você fosse maluquinho, mas não a este nível!

- Está bem, então vou enfrentar esta jornada sozinho! – Disse Gioberto.

Depois do que Gioberto disse, Alberto finalmente concordou com o irmão e quis ir junto com ele.

Capítulo 2: A FUGA

Alberto e Gioberto usaram a janela de seu quarto para fugir de sua casa. Depois de saírem, Gioberto se lembrou da comida e voltou para seu quarto.

Sorrrateiramente Gioberto abre a porta, saindo do seu quarto. Lentamente vai para a dispensa e pega comida o suficiente para 5 dias.

Depois, Gioberto volta para seu quarto e sai pela janela novamente. Avisa Alberto que tem comida para 5 dias. Então eles começam a caminhada pela noite, sem parar para dormir por um único segundo, já que não tinham trazido nem sequer uma coberta para descansarem.

No começo da manhã, Alberto e Gioberto estavam tão cansados, mas tão, cansados, que nem conseguiam dar mais nenhum passo. No momento que nem conseguiam piscar, viram um homem gigantesco que os carregou para algum lugar que ficava dentro da cidade grande.

Capítulo 3: UM NOVO AMIGO

Num momento, eles ouviram uma voz dizendo:

- Acordem, acordem!

Depois deles ouvirem essas palavras, finalmente acordaram e perguntaram:

- Quem é você e que lugar é esse?!

- Esperem, esperem, por favor! Deixem eu me apresentar. Eu sou o Sérgio e esse lugar é o Beco Lixão.

Alberto viu um latão de lixo, que se parecia com uma casa e deveria ser a casa do Sérgio.

Gioberto viu duas cadeias de madeira e uma mesa de plástico velha. Depois, Alberto perguntou para Sérgio:

- Aquele latão de lixo é sua casa?

- Sim...

- E aquela mesa e cadeira é onde você come? – Gioberto perguntou.

- Sim...

- Que tal nós entrarmos na minha casa?!

Entrarem na casa de Sérgio, ficaram desconfiados com a pressa dele. Olharam a janela e viram um carro da polícia. Depois Sergio explicou.

- A polícia não gosta dos moradores de rua. As pessoas acham que nós somos ladrões e que nós nos aproveitamos das pessoas. Mas nós temos uma comunidade que vive calmamente, sem atrapalhar a vida dos outros.

Capítulo 4: A DESCOBERTA DA FUGA

Um tempo antes...

Seus pais descobriram a fuga. Bem.... Nem tanto!

Eles acharam que Alberto e Gioberto foram roubados e contrataram um policial não muito experiente. Mas aquele policial tinha uma carta na manga! Ele sempre desconfiou de Sérgio e sempre pensava que ele era um ladrão esperto e sem piedade com os outros. Por isso, o policial achou que Sérgio poderia ser o ladrão perfeito para ter roubado dois garotos indefesos.

O bom e o ruim, era que o policial sabia em qual beco Sérgio se escondia.

Capítulo 5: O FIM

Aquele policial entrou no seu carro e rapidamente foi em direção a cidade. Ao chegar na cidade, o policial imediatamente foi ao Beco Lixão. No momento, Alberto estava conversando com Sérgio e Gioberto estava na casa de Sérgio brincando com aviãozinho de jornal.

Na hora em que o policial chegou, viu Alberto e Sérgio conversando. Prendeu Sérgio com uma algema e o levou para seu carro. Em seguida, levou Alberto, mas não percebeu que Gioberto ainda estava na casa de Sérgio. O policial pensou que só fosse um latão de lixo fedorento normal, não uma casa.

Naquele momento, Gioberto não acreditava no que seus olhos viam: viu seu irmão partindo para sempre.

Desde aquele dia, Gioberto quis ter um trabalho, porque ele pensou que se tivesse um trabalho poderia ter uma chance de reencontrar seu irmão.

Mas você deve estar se perguntando por que ele não voltou para casa. É porque ele não sabia que rua ou que estrada ele podia usar para voltar para casa. Alberto ficou na fazenda de seus pais cuidando bem dela.

Enquanto aos seus pais, eles não quiseram procurar Gioberto, sempre acharam que ele era um caso perdido, que só prestava para fazer bagunça e destruir a casa, mas Alberto implorou para seus pais para procurara seu irmão perdido. Será que eles vão procurar mesmo?



A MALDIÇÃO DO PÁSSARO

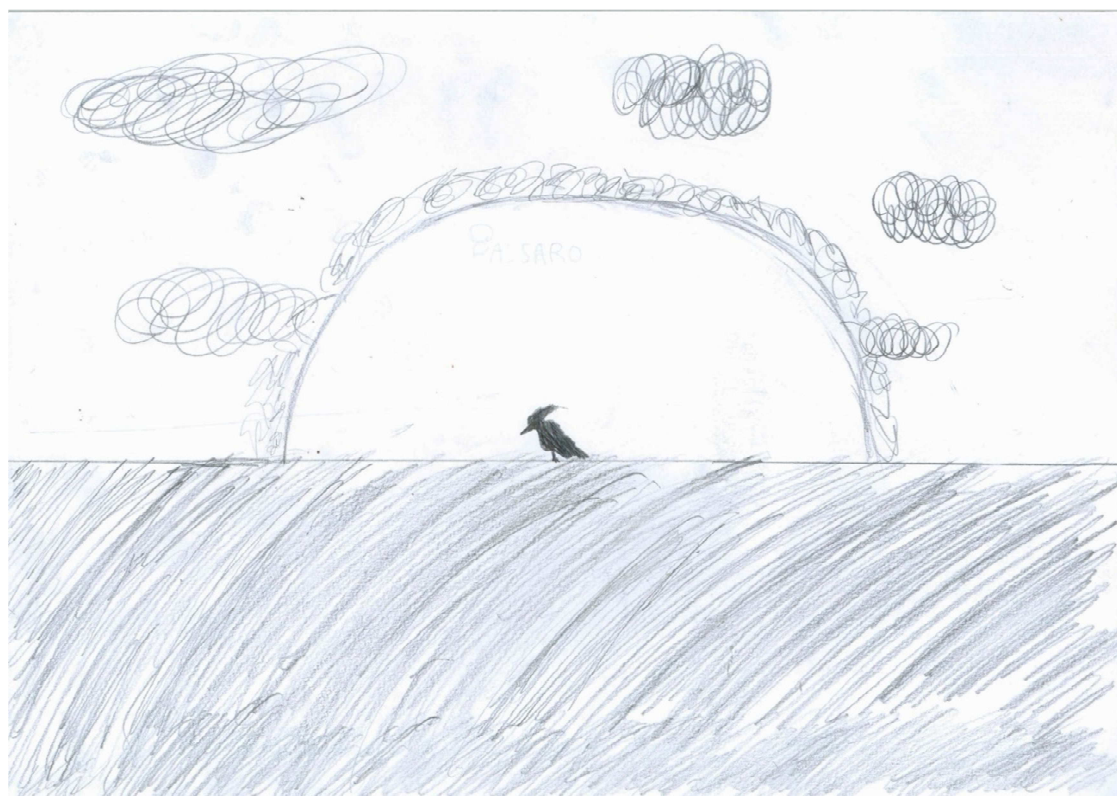
Escrito por: Arthur

Capítulo 1: O Início

Há 19 anos atrás, em 2003, no dia quatro de maio, um menino chamado Carlos nasceu na cidade de Nova York. Carlos cresceu como todas as pessoas, cresceu com amigos, família e escola.

No ano de 2018, Carlos adotou um cachorrinho. Ele tinha pelo preto com bolinhas cinzas em seu corpo, olhos mais azuis que o mar, tinha também grandes orelhas e era muito fofinho. Se chamava Bibo e estava sempre por perto quando Carlos precisava dele.

Um dia, Carlos estava passeando com seu cachorro e apareceu um pássaro preto atrás do sol. Encarou Carlos e foi embora. Carlos ficou assustado, mas deixou passar aquilo e continuou a passear com seu cachorro.



Um tempo depois, Carlos estava indo para a sua faculdade e se deparou com um cartaz de um bandido fora da lei. No cartaz não dizia o seu nome, mas havia muitas outras informações e uma das informações o assustou.

A informação que assustou Carlos foi que, quem entregasse o bandido para a polícia federal de Nova York, ganhará a bolada de 999 QUINTILHÕES de dólares.

Três dias se passaram e Carlos estava dando um cochilo a tarde. Quando acordou, percebeu que Bibo estava na rua indo para um lugar escuro. Carlos foi até o lugar onde Bibo estava, mas quando chegou no lugar...

Capítulo 2: A GRANDE PERSEGUIÇÃO

Bibo tinha levado uma bala na barriga. Carlos começou a gritar seu nome e, enquanto olhava em volta, viu um homem fugindo.

Carlos começou a perseguir o homem, mas não o alcançou. Ele ficou a noite inteira procurando o homem. Infelizmente, nosso herói não conseguiu vingar Bibo.

No dia seguinte, Carlos foi para a faculdade com sangue nos olhos. Após sua aula, voltou para casa e pegou seu kit de investigador e seu casaco marrom.

Carlos começou a ir de casa em casa do seu bairro, mas um morador começou a dar respostas muito suspeitas. Depois desse dia, Carlos começou a investigar o homem e foi espionar sua casa.

No dia seguinte, após um tempo, o tal homem olhou para a janela e viu Carlos escondido num cantinho. Carlos fugiu da casa e começou a correr para longe pela calçada. Desviou para um beco sem saída.

Um tempo depois, o homem conseguiu alcançar nosso herói. Ele e o homem se encontraram no beco e falam.

- Ei, quem é você? - Fala Carlos com uma voz assustada.

- Sou James! Você já deve ter me visto na TV e nos cartazes espalhados pela cidade! - Fala James com a voz baixa e calma.

Carlos começa a driblar James e consegue voltar para casa correndo. Se esconde de baixo de seus lençóis e dorme assustado.

Capítulo 3: O FIM

Eu procurei por todo lado o corpo de Bibo. Fui para um parque e procurei de baixo de uma árvore. Encontrei o corpo de Bibo, que estava fedendo muito e o enterrei ali mesmo.

Nesse momento, quando eu estava parado no meio do parque, caiu um jornal onde dizia: pássaros pretos amaldiçoam as pessoas de Nova York. Me dei conta de que o pássaro que me encarou um tempo atrás me amaldiçoou.

Olhei onde enterrei o Bibó e pensei nele, em mim e nas outras vítimas de James. Sem suportar mais, pensei em tudo de errado que aconteceu comigo. Olhei para frente e vi o mesmo pássaro. Ele me encarou em meio aos raios da noite e acabei MORRENDO LENTAMENTE.

Já James, saiu de Nova York e foi para Vancouver, no Canadá, junto com seus pássaros para fazer mais e mais vítimas.

O TESOURO PERDIDO

Beatriz Klaudat

Essa aventura marcou a vida de Laura e de suas amigas. Laura é uma adolescente de 15 anos, tem cabelo loiro, quase sempre preso, e gosta de se aventurar e de ler livros de aventura.

Em um dia de Sol, Laura estava na sua casa com sua mãe Ana, de 54 anos, e seu pai Roberto, de 55 anos. Eram 6h30min e Laura estava se preparando para ir para sua escola, o Colégio Aplicação. Era dia de seu pai levá-la para escola. Eles foram de carro.

Chegando lá, Laura encontra Beatriz e Antônia. Beatriz tem cabelo preto e liso. Antônia tem cabelos vermelhos e eram suas colegas. As três tinham aula de matemática.

Na hora do recreio, elas estavam conversando sobre o clube de aventura, quando Antônia viu um papel dentro de uma árvore. Beatriz foi ver o que era e achou um pergaminho escrito em uma língua desconhecida. Então elas foram para a biblioteca. Na biblioteca, procuraram em quase todos os livros e não acharam a tradução do que estava escrito.

Quando elas estavam desistindo, Antônia achou um livro que mostrava o alfabeto dessa língua. Finalmente decifraram e estava escrito: na maior floresta existe um templo com todo tesouro do seu ancestral chamado Tom Sawyer.

Nesse momento, Laura ficou espantada ao pensar em ir até a maior floresta do mundo para achar um templo de seu ancestral, que poderia não existir!

Nesse momento, o sinal tocou, o recreio tinha acabado e as aulas recomeçaram.

Quando Laura chegou em casa à noite, ela ouviu seus pais conversando sobre como estava difícil de pagar a escola de sua filha e talvez teriam que tirá-la de lá, porque o dinheiro que eles ganhavam era pouco.

Laura ficou espantada ao ouvir isso. Sair de sua escola e nunca mais ver suas amigas e professores(as)?!

Laura foi para seu quarto com um plano em mente: fugir de casa e ir encontrar o tesouro. Ela pegou uma lanterna, uma corda, seu arco e flecha, frutas, biscoitos, uma garrafa de água, o pergaminho, um kit de primeiros socorros e um mapa do mundo. Colocou tudo

na sua mochila. Pegou seu celular e chamou suas amigas para ver se elas queriam ir com ela. Para a surpresa de Laura, as duas concordaram.

No dia seguinte, as três pegaram todo seu dinheiro e marcaram um voo para a Amazônia.

No dia do voo, às 07h15min, elas estavam na frente do aeroporto. Laura, Antônia e Beatriz estavam prontas para embarcar em uma grande aventura. No avião, elas repassaram o plano.

- Então o plano é o seguinte: quando nós chegarmos lá na Amazônia, vamos pegar todas as informações que pudermos. Depois vamos até o templo pegar o tesouro! Entenderam?! - Falou Laura.

-Sim! - Disse Beatriz.

- Antônia? - Perguntam as duas - Está tudo bem?

- Ah... Sim - Diz Antônia pensativa.

Quando elas chegaram, por dois dias inteiros, fizeram tudo como o planejado, até conseguirem as informações necessárias para ir ao templo. E, no último dia, elas conseguiram todas as informações necessárias.

Já na floresta, Antônia amarrou uma corda em uma árvore para sinalizar que elas já haviam passado por ali. Quando voltassem, saberiam o caminho de volta.

De noite, elas pararam para descansar em uma mini caverna. No dia seguinte, Laura acordou às 7h30min e achou ter visto alguém atrás de uma árvore. Um tempo depois, elas finalmente acharam o templo abandonado, cheio de teias de aranhas e musgos.

Laura pegou sua lanterna, porque estava muito escuro lá dentro. Elas entraram no templo. Estava tudo empoeirado, malcheiroso e, com certeza, estava abandonado há mais de 100 anos.

Elas continuaram explorando o local, até que elas se depararam com uma passagem secreta com um enigma: no buraco da solidão, apenas uma pessoa passa de rapel. Se mais alguém passar, a vida deve dar, o buraco vai soar e o céu apitar.

Quando elas terminaram de ler, a porta se abriu e atrás dela tinha um penhasco gigante, mas, ao invés de se desesperarem, elas fizeram um rapel triplo e atravessaram o

buraco. Do outro lado tinha outra porta, mas dessa vez tinha outro aviso: para esse teste a mira é necessária, os alvos são muitos, não há objetos para jogar e não pode compartilhar.

De novo a porta se abriu e, dessa vez, parecia que ele tinha previsto que elas iriam juntas, porque tinha uma sala com duas cadeiras. Antônia foi escolhida para fazer aquele desafio. Laura deu o seu arco e flecha para Antônia, que foi confiante.

Cada alvo era mais difícil que o outro. Dez minutos depois, Antônia já tinha acertado quase todos, então ela mirou no último alvo e acertou. Nesse momento, uma chave caiu e uma porta se abriu. Elas seguiram por ali e tinha um baú. Laura abriu e tinha muito, mas muito dinheiro.

Elas saíram dali, voltaram para casa, encontraram os pais de Laura, entregaram o dinheiro para eles e Laura pôde continuar na sua escola.



NO QUE O MUNDO NOS TRANSFORMA

Beatriz P.

Em 1933 nasceu Carol, na cidade de Estocolmo, na Suécia. Seu pai havia morrido há três anos e, logo depois de seu nascimento, sua mãe morreu.

- Carol... - foram as últimas palavras que sua mãe pronunciou.

Carol foi morar com a tia, ela se chamava Maria. Era uma mulher mais velha, tinha 55 anos e usava um manto branco embaixo de toda uma roupa rosa brilhante, adorava fazer comidas frias, principalmente sopa gelada de pepinos, o que não agradava muito a pequena Carol, que teve que comer sopa gelada de pepinos todo o tempo que morou com ela.

A casa que Carol morava com a tia Maria era pequena, só tinha um quarto, e Carol era obrigada a dormir na sala, o que era um problema, porque o cheiro de pepinos que aquela casa tinha incomodava o sono de Carol. O sofá era pequeno e duro, por isso, várias vezes, ela caía do sofá durante a noite.

Carol cresceu, seu cabelo ficou preto como a noite, e seus olhos claros como o dia. Ela passou a vestir vestidos justos e curtos, por cima deles usava uma jaqueta jeans preta, seus sapatos eram azuis e justos. Ela amava roupas justas.

Um dia, quando Carol tinha 12 anos, sua tia saiu para ir ao supermercado e não voltou mais. De repente, bateram na porta. Carol atendeu um pouco assustada e viu uma mulher loira e negra, vestida com um uniforme azul bebê e com óculos escuros. Ela sorriu para Carol e fez um gesto para ela se sentar na mesa. Carol obedeceu, a mulher loira respirou fundo e começou a falar:

- Carol, meu nome é Fátima, trabalho no orfanato GIRAMUNDO...

- Orfanato?

- Sim, orfanato, estou aqui para te levar para lá.

- Mas eu estou muito bem morando com a minha tia, não quero ir para orfanato nenhum!

Fátima abaixou a cabeça e apontou para a foto da Maria.

- Ela.... Não está mais aqui...

- COMO ASSIM? EU PRIMEIRO EU PERDI MEUS PAIS E AGORA PERDI MINHA TIA?
NÃO PODE SER, NÃO PODE SER!

- Eu sinto muito mesmo, Carol, mas não há nada que eu possa fazer.

- AH, VOCÊ NÃO PODE FAZER NADA, NÉ?! ENTÃO O QUE ESTÁ FAZENDO AQUI?
AH É! VOCÊ VAI ME MANDAR PARA O ORFANATO.

De repente, Carol caiu desmaiada. Fátima se levantou da cadeira em um pulo e rapidamente ligou para a ambulância.

Quando Carol acordou, estava rodeada por médicos e enfermeiras. Ela olhou em volta, notou que estava num hospital onde as paredes eram brancas e azuis, o chão também branco cintilava de tão limpo e, a cada três segundos, um médico passava empurrando uma maca ou uma cadeira de rodas.

- Ela acordou, Dona Fátima, ela acordou!

- Eu.... Acordei? Mas.... Eu nem tinha dormido.

- É verdade, querida Carol. Você não tinha dormido, tinha desmaiado.

- Desmaiado?

- Isso, ficou sem ar de tanto gritar.

- Afinal, quem é você?

- Eu sou Fátima, não lembra?

- Ah! Lembrei... você é a mulher que quer me levar para o ORFANATO...

- Sim, sou eu! E eu não quero, eu vou!

- Não vai mesmo!

Carol, ainda meio dormindo, saltou da maca e se sentou na cadeira de rodas mais próxima. Fátima deu um berro, entregou o dinheiro a uma enfermeira e saiu correndo porta a fora atrás de Carol.

Viu ela fugindo com a cadeira de rodas e logo depois a roda emperrou. Fátima deu um salto e se agarrou na cadeira de rodas. Rapidamente Carol saltou e se agarrou de novo em Fátima. Ela se agarrou na Carol, que bateu a cabeça em sua própria perna.

Carol acordou em uma cama toda preta com uma coberta azul, o travesseiro era um monte de roupas velhas enroladas em um pano de chão.

- Onde... onde estou?

Carol olhou em volta e não pode deixar de notar Fátima lá no fundo e deu um berro. Sabia onde estava, estava no...

- Carol você acordou.

Sem responder, Carol deu um pulo da cama e a encarou com uma dor enorme nos olhos.

- Bem-vinda ao orfanato GIRAMUNDO!

Carol olhou ao seu redor, estava num lugar escuro e que parecia não ser lavado há pelo menos uns três anos.

- Você tem muita sorte minha querida, já tem quem quer adotar você. Conheça o Sr. Cristhian.

Ela esticou o pescoço e olhou para trás de Fátima e viu um homem de cabelos grisalhos vestido com um macacão marrom claro por cima de uma blusa branca e por baixo de uma jaqueta verde escuro. Usava também um sapato muito velho, que parecia já ter pisado em uma boa quantidade de terra. Ele aparentava ter uns 40 anos e tinha um ar de trabalhador cansado. Ao seu lado estava uma mulher de cabelos castanhos, vestida com um vestido branco e azul e com um sapato roxo com flores amarelas. Ela devia ter uns 33 anos e tinha um ar de bondade e alegria.

- Venha, pequena! Venha! - Quando Giovane falou, Carol pôde ver que ela tinha uma voz doce como um limão.

- Querida, não apreze sua nova irmã.

Quando Carol ouviu a voz de Cristhian, ela descobriu duas coisas: na verdade, Giovane tinha uns 17 anos e seria a irmã mais velha de Carol. Também descobriu que Cristhian tinha a voz azeda como um chocolate.

Rapidamente, Carol saltou da cama e colocou o seu casaco. Deu a mão para Giovane (ou Gigi) e falou:

- Vamos sim, adoraria conhecer meu novo lar.

Cristhian assinou a papelada e pegou a mão de Carol. Eles foram até o carro, seria uma longa viagem, mas Carol não se importava. Agora ela tinha uma nova família e estava feliz com isso.

Carol sentia que esse era um novo capítulo de sua vida. Enquanto eles viajavam, Gigi contou para ela como era sua nova casa, cujo nome era Tom Sawyer, mas nem chegava perto dela imaginar como era a casa de verdade.

Depois de 4h30min de viagem, eles chegaram a famosa Tom Sawyer e os seus olhos claros como o dia, ficaram mais claros ao avistar a casa.

Por fora ela era azul e branca com uns leves toques de verde, sua cor era sensacional e parecia que pintavam aquela madeira todos os dias com uma precisão impressionante. O muro que cercava o quintal era todo pintado de verde claro com flores rosas e roxas decorando todos os espaços e tinha pequenos e delicados tijolos que o preenchiam.

O quintal era coberto por uma leve grama e por grandes árvores que impediam as gotas de dias chuvosos caírem por cima do cintilante e branco telhado. Quando caíam, pareciam pequenos flocos de neve decididos de que iriam tornar o inferno mais frio.

- Vamos entrando, Carol! Você vai adorar a casa.

Carol sorriu de leve e chegou perto da porta. Ao se aproximar, ela notou que, para a família Bartoncello, até um grão de poeira incomodava.

O que não era mentira porque, ao entrar na casa, seus olhos começaram a arder de tanto brilho. A cozinha estava cheia de utensílios antigos usados para cozinhar antigas receitas de família, o fogão era cinza e limpo, a geladeira também e, acima dela, estava uma vela capaz de iluminar boa parte da cozinha.

Logo a frente ficava a sala, onde havia um sofá forrado com um tecido azul meio esbranquiçado, semelhante as poltronas. Em frente a elas tinha uma lareira que ficava embaixo da prateleira, no meio, uma mesa de centro feita de vidro posicionada bem em cima de um tapete branco. Sobre ela estava um vaso de flores cintilantes e um livro aberto. Quando Carol ia folhar as páginas, foi puxada por Cristhian para a sala de jantar, mas deu tempo de ela ver Gigi fechando o livro e o escondendo numa gaveta que ficava bem embaixo da lareira.

Vários dias se passaram, Carol fez amizade com suas vizinhas e vizinhos, adorava brincar com eles, mas quando voltava para casa e se deitava para dormir, ficava pensando naquele livro que ela estava proibida de ler.

Um dia ao acordar...

- Bom dia, gente!! – Gritou Carol – O que tem para o café da...

- Carol, preciso te contar uma coisa. A Gigi adoeceu e tiveram que levá-la embora!

- Como assim? Ela.... Ela...

- Não, ela não morreu, só adoeceu, teve que ser levada de navio para Motala, saiu de casa há uns quarenta minutos atrás e...

Carol nem deixou Cristhian terminar de falar, saiu correndo porta afora segurando seu casaco e rapidamente colocando-o para liberar as mãos, pois ela ia andar de bicicleta atrás de Gigi.

- CAROL VOL... – Essa foi a última coisa que ela ouviu.

Ela pedalava tão rápido que já havia começado a suar frio, ficou com medo de desmaiar por falta de ar. Então, de repente, ela viu um cavalo correndo na direção do navio, como se quisesse embarcar. Uns segundos depois, o dono dele apareceu. Carol resolveu pedir uma carona:

- Com licença... você está indo para aquele navio? Pode me dar uma carona?

- Claro que posso! Suba no cavalo, ele a levará para o navio pelos mais lindos caminhos, mas lembre-se, se você descer, ele vai embora.

Carol sorriu e subiu no cavalo. Rapidamente ele saiu correndo em direção ao navio. Chegando lá, ela saltou do cavalo direto para dentro e, como avisado pelo homem, o cavalo foi embora. Pouco tempo depois o navio foi também.

Ela se escondeu atrás de uma caixa de madeira enorme, então avistou um alçapão e se enfiou lá dentro. Tateando, conseguiu achar uma luz, mas desejava não ter encontrado. Ali dentro tinha uma pessoa muito conhecida, apesar de só ter visto uma vez na vida. Carol piscou os olhos várias vezes, mas não dava para negar, era ela. Mas o que ela estava fazendo naquele navio, naquele dia, naquele alçapão? Estaria perseguindo Carol?

- FÁTIMA? É VOCÊ MESMA?

Ela se virou e sorriu assustada.

- Carol? O que você está fazendo aqui? Pensei que tivesse sido adotada!

Carol nem respondeu, saiu correndo de dentro do alçapão e depois de muito procurar, achou outro alçapão e se enfiou lá dentro novamente, tateando os cantos para achar uma luz. Ali dentro estava frio e úmido, mas Carol não desistiu, encontrou um cobertor e uma almofada grande o suficiente para ela se deitar e cochilar, pois estava exausta, apesar de ser apenas 4h da tarde. Ela já havia pedalado numa velocidade que quase a fez desmaiar, havia cavalgado num cavalo e encontrou uma pessoa que, embora esteve ali para o bem de Carol, para ela Fátima era cruel.

Ficou presa nesses pensamentos por um tempo e depois pegou no sono, teve um sonho que dizia que Gigi não aguentaria e que a doença que ela tinha não tinha cura. Para Carol, não foi uma noite fácil.

Dias e dias passaram, até que ela decidiu sair um pouco do alçapão para tomar um ar e tentar ver Gigi. Quando ela saiu, levando o cobertor para o caso de alguém olhar para ela, viu Gigi, mas desejou não ter visto. Ela estava escorada em Fátima, desmaiada e pálida. Carol correu para perto e, com uma força violenta, empurrou Fátima e segurou Gigi pelo braço a enrolando no cobertor.

- CAROL? O QUE É ISSO? – Fátima gritou assustada.

Carol saiu correndo em disparada, puxando o cobertor e soluçando de tanto chorar. Por causa da velocidade que ela corria, rapidinho elas chegaram ao alçapão. Gigi foi colocada levemente lá dentro e logo depois Carol desceu.

Lá embaixo ela deitou sua irmã na almofada e se sentou ao lado, passou sua mão no cabelo sedoso de Gigi e chorou sobre ela por horas a fio. De repente ela notou algo grande e duro dentro do cobertor, meteu a mão lá dentro e tirou um livro antigo, mas não era qualquer livro antigo, era o livro que estava proibida de ler. Ficou sem respirar após ler o nome e a autora do livro.

**NO QUE O MUNDO NOS
TRANSFORMA**

Fátima Bartoncelo

Carol começou a folhar as páginas e viu várias vezes o nome Gigi e Cristhian e começou a suar frio novamente. Já terminando o capítulo cinco, Gigi acordou e ela foi obrigada a, delicadamente, colocar o livro de volta.

- Carol? – Disse Gigi com voz trêmula – o que está fazendo aqui?

- Vim cuidar de você, Gigi.

- Carol... Adeus – Gigi fechou os olhos e aquilo foi o suficiente para Carol saber que sua irmã não estava mais ali com ela.

A respiração de Carol começou a diminuir, ela teve que sair do alçapão para não morrer também. Ao voltar para o pequeno, gelado e úmido quartinho, ela viu pela última vez sua tão amada irmã e depois a cobriu com seu cobertor bem a tempo, pois logo depois o capitão falou que eles haviam chegado em Motala.

Mais à frente, um outro navio estava voltando para a Escócia. Ela embarcou nele abraçada no cobertor em que sua irmã estava enrolada e entrou em outro alçapão. Dias se passaram e ela finalmente chegou a sua casa.

Como esperado, o homem estava ali e ela pediu carona e ele novamente a alertou sobre o cavalo. Agarrada na irmã, ela seguiu cavalgando até sua casa e, chegando lá, largou Gigi e se escorou em Cristhian para chorar mais um pouco. Então Cristhian decidiu que era hora dela ler o livro...

- Carol, venha! Está na hora de ler o livro que estava em cima da mesa no dia que você chegou e...

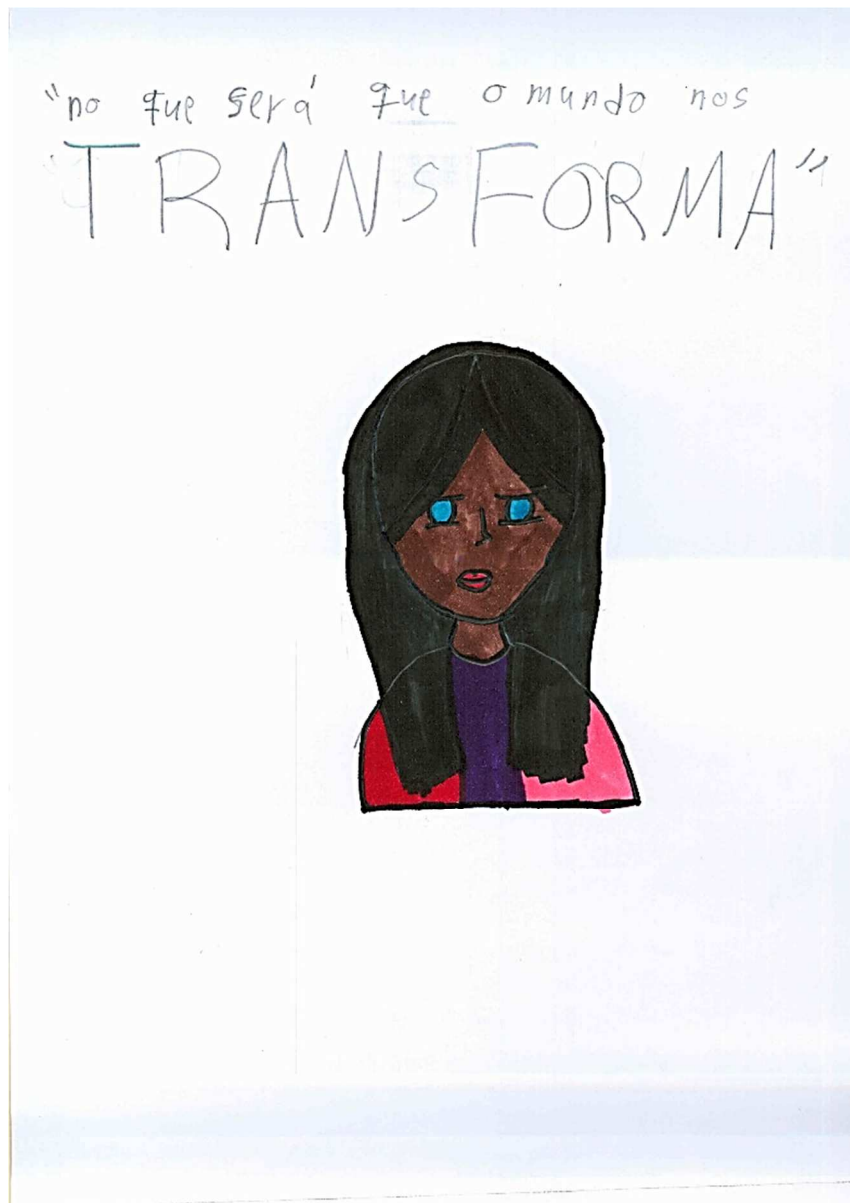
- Cristhian, ele não está mais nessa gaveta. Gigi levou ele para o navio e ele ficou lá... sinto muito...

- Bom, querida, então você já teve ter lido e é isso que importa, não acha?

Carol sorriu, fez que sim com a cabeça, se levantou e foi atrás de Cristhian para ajudá-lo a enterrar Gigi no quintal. Assim que ele terminou, entrou em casa, mas Carol ficou lá fora sentada ao lado de onde enterraram sua irmã, pensando no que havia lido no livro. De repente ela se levantou e ficou olhando para o horizonte, tentando decifrar o enigma que era o nome do livro... e fica a dúvida.

No QUE será QUE O mundo nos transforma?

Fim



A FLORESTA PERDIDA

Clara

Karl, um garoto de 13 anos, é um menino gentil e carismático. Tem olhos verde escuros e um cabelo com dois tons de castanho, junto a mechas levemente loiras. Sua pele é clara com algumas sardas. Geralmente usa roupas largas, possui um sapato branco com detalhes roxos, com sola alta, que nunca tira do pé, junto a um moletom colorido de crochê.

O jovem morava em uma casa humilde com sua mãe Eva, uma mulher de meia idade com alguns fios brancos em seu cabelo castanho. Dalva era seu nome. Ela trabalhava como artista.

Karl acorda às 6h30min para chegar a tempo na escola, pois a aula começa às 7h30min. Ele veste seu moletom verde água com detalhes brancos, junto a sua calça jeans clara e um tênis clássico da Nike, que já está perto de se aposentar. O menino pega sua mochila azul com a letra “x” na cor branca que fica no centro.

- Tchau, filho! Boa Aula! – Diz a mãe com uma voz suave.

- Pra você, bom trabalho, mãe! – Grita Karl, atravessando a porta.

O menino chama o elevador e entra nele. Karl desce do elevador e abre a porta da portaria e pega seu escolar.

Ao chegar à escola, Karl procura sua sala. Ao entrar, ele espera seus colegas. Depois de um bom tempo esperando, finalmente todos chegam e o professor começa a aula.

- Bom Dia, galera! – Diz o professor.

- Bom dia! – Exclama Raquel, uma das meninas da turma. – Você não se parece com nosso professor.

- Isso é porque sou o prof. substituto.

- Agora eu entendi.

- Aliás, desculpem minha indiscrição. Devia ter explicado a vocês antes. Bom, me chamo Mitsu e serei o professor desta turma por um mês, pois Jeff, o professor, está viajando.

- Uou! Seu nome é japonês!

- É que minha família é descendente de japoneses.

Finalmente eles terminaram com aquele assunto. Karl não gostou muito do prof. Mitsu, mas teria que encará-lo por uma semana inteira.

A aula começa com Educação Física, a aula preferida de Karl. Prof. Mitsu não seria seu professor nessa disciplina.

O melhor é que a aula seria especial, pois era o aniversário da escola e, por causa disso, a aula seria na quadra e os alunos poderiam escolher o esporte que jogariam. Estava óbvio que os alunos iriam escolher e daria confusão.

Karl botou na cabeça que não iria se intrometer nesta escolha de esportes, pois sabia que iria dar briga entre Futebol ou Basquete, e Karl gostava dos dois esportes. Então não valia apenas dar sua opinião.

- Vai ser futebol e ponto! – Gritou Pedro, um menino muito irritante, que agia que nem um menino de 10 anos quando perde argumento.

Três meninos começaram a gritar contra a ideia do futebol.

- Basquete! Basquete! Basquete! Basquete!

Um menino do fundão foi em direção de Karl. Era Felix, um menino novo na escola, pois entrou na turma no ano passado. Todo o resto da turma já estava lá há 7 anos, então ele era considerado novo na escola.

Felix era um garoto branco com um cabelo preto e uma franja vermelha no rosto, sua voz era suave, o jovem era muito educado e sempre fazia os trabalhos. Ele usava roupas com cores frias, como por exemplo: um suéter preto com detalhes verdes e calças jeans pretas. Ele normalmente usava roupas mais largas. E tinha a mesma opinião que Karl sobre sua sala.

- Oi! – Exclamou Felix – Essa discussão toda é muito desnecessária, não acha, Karl?

Karl nunca havia conversado com Felix, ele achava que era um garoto que se achava todo “emo”, pois usava roupas pretas e fingia ser todo triste, mas não era.

Ao conversar com ele pela primeira vez, logo mudou de opinião sobre ele.

- Karl? – Perguntou Felix, um pouco preocupado – Você está bem?

- Mil desculpas! Eu estava prestando atenção no horário... – Diz Karl dando uma desculpinha esfarrapada. Na verdade Karl estava surpreso com Felix.

- Não precisa se desculpar, eu que fui muito mal-educado. Mas você concorda comigo, Karl?

- Mas é claro, esta discussão não tem sentido, pois de qualquer forma iremos jogar basquete e futebol, pois a aula hoje é aula especial e, por isso, é mais longa.

Um tempo depois, o professor Gabriel, de Educação Física, finalmente chegou.

- Cheguei, pessoal! Estão prontos pra Educação Física? Nós iremos para a quadra para escolher os times da gincana.

Quando o professor de Educação Física disse essa frase, todos os meninos que estavam nesta treta entre futebol e basquete ficaram boquiabertos. Felix e Karl apenas deram algumas risadinhas.

Toda a sala foi se dirigindo a quadra de esportes. Karl e Felix foram conversando, pois a quadra era do outro lado do colégio.

A quadra tinha 16 metros de largura e 27 de comprimento. Ela possui uma cor marrom desbotado e, para marcar o lado de fora e o centro da quadra, era um branco com marcas das solas dos sapatos.

Depois de uns 5 minutos caminhando, a turma chegou a quadra e o professor deu um pequeno avizinho:

- Eu esqueci de avisar: este será o primeiro dia da gincana! Serão 3 times com dez pessoas em cada time. Os escolhedores serão Raquel, Pedro e Felix! Por favor, escolhedores, venham comigo! Os que serão escolhidos ficam encostados na tela.

Felix já estava pensando em escolher Karl para seu time, pois sabia ele é muito inteligente. Mas mal sabia que Karl era o melhor em qualquer esporte. Para ver quem começaria, eles jogariam “dois ou um”. Felix sabia que Raquel e Pedro estavam fazendo uma parceria e então colocariam um número diferente que o outro número. Mas Felix não sabia qual número eles botariam, então ele arriscou o número um.

- Dois ou Um! – Disseram os três.

Tudo era questão de sorte, um jogo simples, mas tudo dependeria da sorte.

- Felix ganhou! – Exclama o professor.

“Que droga!”, pensaram Raquel e Pedro.

- Me desculpem! Minha memória está horrível hoje! Os sortudos que escolheram os times só podem escolher uma pessoa, o resto é sorteio!

- Escolho Karl. – Disse Felix.

- Escolho o João Pedro! – Disse Raquel.

- E eu escolho a Marina. – Fala Pedro.

- Agora vamos todos para a sala de aula preparar o sorteio. Como Felix ganhou, ele sorteia primeiro. Assim, após todos as equipes serem selecionadas, eles voltaram para a sala de aula para o prof. Gabriel explicar as regras da gincana.

Cada equipe terá uma cor. Felix será a equipe vermelho e assim para todas as equipes, cada uma com uma cor.

- A gincana acontecerá amanhã. Nós iremos para o Campo do Trevo Verde, um lugar feito para gincanas e coisas do tipo. E vamos passar uma semana lá, então vocês levarão uma mochila ou mala com roupas, repelentes, filtro solar etc. Entregarei uma folha para cada um de vocês, com o que devem levar. Entendido? – Pergunta o professor.

E a turma respondeu:

- Sim!

Depois que o professor saiu, Vitor (prof. de geografia) entrou na sala e começou a aula mais chata da escola. Finalmente todas as aulas acabaram e estava na hora da saída. Karl deu tchau para o seu mais novo amigo, Felix e vai para sua casa.

Karl explica para sua mãe sobre a gincana e sobre seu novo amigo Felix. Sua mãe fica muito feliz com seu filho e diz que vai lhe ajudar com as malas. Karl fica com mau pressentimento sobre sua mãe lhe ajudar, pois ela adora suas roupas antigas de quando ele tinha 10 anos, e as roupas dessa época eram bem bregas. Eram aquelas roupas de dinossauros e roupas da época.

- Vamos arrumar suas malas agora! – Diz Dalva.

- Só com uma condição: você não vai escolher as roupas que irei usar! – Exclama Karl.

- Como quiser, filho.

Então os dois começam a arrumação da mochila. A mochila era verde musgo com alguns pedaços de tecido costurados por sua mãe. Karl acha aquela mochila muito linda por conta de seus pedaços de tecido azul.

Após arrumarem a mochila, sua mãe encomenda sushi, pois estava muito cansada para fazer o jantar já que trabalhou demais hoje em sua pintura. O sushi foi R\$ 340,00. Sim, uma facada no peito de tão caro. Pelo menos era uma delícia.

Karl jantou e foi logo escovar os dentes para dar tempo de ver seu programa de TV favorito: Ame-a ou deixe-a – Vancouver.

- Vai dormir agora! – Grita a mãe de Karl.

- Mas por que? – pergunta Karl.

- Ora, você vai acordar cedo amanhã.

Karl fez um sinal de que ele entendeu a ordem que sua mãe lhe deu e foi para sua cama dormir.

No dia Seguinte...

- Hoje é o dia! – Grita Karl.

Karl veste uma camisa preta larga com um calção branco da Nike e vai tomar seu café da manhã.

Sua mãe preparou uma pilha de deliciosas panquecas com Nutella derretida e um morango enfeitava o centro da pilha de panquecas.

- Esta pilha parece estar uma delícia! – diz Karl.

- E está uma delícia! – fala Dalva.

Após Karl terminar sua deliciosa pilha de panquecas, foi pegar sua mochila e colocar no sofá de sua casa, que ficava perto da porta. Após isso, Karl vai escovar os dentes e corre para pegar sua mochila.

- Tchau, mãe!

- Tchau, filho! Boa sorte!

Karl acena com sua mão e atravessa a porta. Rapidamente ele chama o elevador, que estava no 11º andar. O elevador chega e Karl entra nele.

Ao descer do elevador, Karl corre para o portão de seu apartamento e vai até a escola.

Ao chegar, toda sua turma estava lhe esperando na frente de um ônibus que os levaria para o Campo do Trevo Verde.

- Entrem todos no ônibus! Por favor, fiquem perto de suas equipes! – Fala o prof. Gabriel.

Felix convida Karl para se sentar com ele no fundão, onde tem 4 lugares. Felix e Karl se sentariam em dois, mas sobraria dois lugares. Então os dois colocaram suas mochilas nesses dois lugares restantes.

- Apertem os cintos! – Grita o motorista.

E lá se vai o ônibus para o Campo do Trevo Verde...

Ao chegar ao Campo, o professor fala as regras e o que não podiam fazer.

- Podem explorar o terreno! – fala o prof. Gabriel.

- Quer explorar comigo, Karl? – Pergunta Felix.

- Mas é claro! – Responde Karl.

O campo era da cor verde musgo e, nas laterais, era coberto por barro. O campo era cheio de árvores e tinha uma floresta que parecia não ter fim.

Felix e Karl correm explorar a floresta, mas acabam caindo em um buraco misterioso e levam um tombo feio.

- Vocês estão bem? – Pergunta um garoto.

- Quem é você? E que lugar é este? – Perguntam Karl e Felix

- Sou Gregory e vocês foram escolhidos pela Maldição do Dragão.

- E o que seria esta Maldição do Dragão? – Pergunta Karl.

- Maldição do Dragão é quando você é escolhido para fazer alguns serviços para o Dragão, mas nenhum é muito fácil. Sempre são três pessoas escolhidas para servir os pedidos dele, e este ano fomos nós.

- E quais são os serviços? – Pergunta Felix.

- Esqueci de falar, meu nome é Karl e meu amigo se chama Felix.

Gregory era um menino negro com pequenas manchas brancas em seu corpo. Seu cabelo era longo, um pouco crespo. Suas roupas eram verde-menta e usava uma calça jeans escura.

Gregory mostra um papel onde está escrito todos os serviços. O primeiro serviço é ganhar o troféu do jogo giro mortal e sobreviver. Esse é muito difícil. O segundo serviço é negociar com o rei, se ele não gostar da oferta, seu fim não será muito bom. E o último e o mais difícil é cortar a cabeça do dragão. Chance de cortar a cabeça do Dragão: 1% de chance.

- Eu fico com as missões do Giro e a negociação, vocês podem procurar informações dos pontos fracos do Dragão. Depois que eu completar as minhas missões, nós três tentamos a do dragão, ok?! – Explica Gregory. – Estou indo completar as minhas missões. Boa sorte para encontrar informações!!

Gregory sai de sua casa e vai procurar o local do giro mortal. Gregory estava andando em um lugar com uma floresta formada por árvores com 12 metros de altura. A floresta estava infestada com cinzas de flores, pois o Dragão não gostava de flores e cuspiam fogo nelas. Gregory apenas viu uma flor que estava viva, mas ela estava à beira da morte.

Ao chegar, Gregory vê uma multidão de elfos o observando. O menino foi em direção da multidão para tentar obter alguma informação ou técnica para ganhar o prêmio, já que os elfos também estavam concorrendo contra o Dragão.

Ao se aproximar, Gregory percebe um dos elfos que estava dentro de uma máquina de giro mortal, tentando ganhar o troféu. Depois de vários giros, o Elfo saiu daquela máquina. Ele estava muito tonto e, ao redor da máquina, estava coberto de lava, especialmente para as pessoas caírem ali quando ainda estavam tontas. Infelizmente o Elfo caiu na lava e morreu.

Gregory se oferece para o giro mortal, ele estava muito tenso, mas o único jeito de sair daquela floresta era completando os serviços ordenados pelo Dragão.

Ao entrar na máquina, Gregory fica refletindo sobre se ele morresse, o que aconteceria? O que aconteceria? Talvez Karl e Felix ficassem a vida toda coletando informações.

A máquina giratória começou a girar e girar, o menino tentou uma estratégia e se concentraria na direção que a máquina estaria girando. Aos poucos, Gregory começou a ficar enjoado, mas persistiu em seu objetivo.

O brinquedo mortal foi parando de girar e, quando Gregory desceu do brinquedo, seu pé escorregou, seus olhos foram se fechando. Quando seu outro pé pisou na superfície conseguiu não cair na lava. Depois que sua tontura acabou, ele recebeu o troféu, pois foi o único ser vivo a sobreviver.

Com o troféu em mãos, Gregory encontrou Karl e Felix, que estavam coletando informações. Ao chegar, Gregory logo mostra o seu troféu cintilante todo orgulhoso.

O troféu era de ouro, prata e bronze, uma mistura dessas matérias. Ele pesava aproximadamente uns quatro quilos. A relíquia brilhava como os raios de sol.

- Conseguiram informações? – Pergunta Gregory.

- Parece que o Dragão não gosta de luzes. Gregory, você tem alguma lanterna? Ou algo que transmita luz? – Pergunta Felix.

- Acho que tenho algo! Agora vou procurar algo para negociar com o rei. Tchau!

Gregory sai da casa e procura algo que tenha valor para o rei. Ele pensa em entregar o troféu para o rei, pois o primeiro serviço era apenas conseguir o troféu e não precisava entregar ao Dragão. Então volta para a casa para buscar o troféu.

Rapidamente, Gregory pega o troféu e volta para o caminho para onde estava se dirigindo.

Ao chegar Gregory, vê um belo tapete vermelho com coqueiros muito altos em volta, que deviam ter uns 15 metros de altura. No fim do tapete, via-se um palácio imenso todo coberto de ouro. Gregory ficou tão impressionado com o palácio, que quase derrubou o troféu que segurava.

Gregory atravessou o tapete vermelho e bateu delicadamente no portão de ouro. O portão se abriu e logo dava pra ver o rei.

O Rei era um pouco fora do peso, branco e com um cabelo castanho levemente loiro e uma barba desta mesma cor. Ele usava uma roupa vermelha e branca, com algumas manchas douradas em sua capa cintilante.

- O que desejas? – Pergunta o rei.

- Estou aqui para negociar com o senhor. – Responde Gregory.

- O que tem a me oferecer?

- O troféu do desafio giro mortal.

- E o que quer que eu ofereça por este belo troféu?

- Qualquer coisa serve. Quero apenas negociar com o senhor, rei!

- Aceitas uma de minhas bacias que foi passada de geração em geração?

- Para mim tudo bem está negociação. Não vejo nada de errado nesta troca com o senhor.

- Certo, irei buscar uma de minhas bacias.

Então, enquanto Gregory esperava o rei, ele observava o seu belo palácio de ouro e com guardas robustos com armaduras completamente compostas de ouro.

Depois de um tempo, o rei voltou e lhe entregou a sua bacia e Gregory deu seu troféu. Com esta troca feita, Gregory saiu do palácio e atravessou o belo tapete vermelho e gritou:

- Agora falta apenas uma missão!

Ao chegar de volta na floresta, Karl e Felix estavam em um sofá de couro esperando Gregory voltar do palácio do rei.

- Consegui negociar com o rei, amanhã iremos para a casa do dragão, certo?

- Nós discordamos com nada. – diz Karl.

NO DIA SEGUINTE...

Karl, Felix e Gregory acordam e correm para a floresta para procurar algum automóvel que conseguisse levá-los para o céu, que é onde a casa do Dragão fica. Eles acham um avião que parecia ter caído em um desses buracos que aparecem do nada. Felix testa o avião, que estava em ótimo estado.

Felix afirma jogar um jogo de pilotar aviões, então ele seria a melhor escolha para pilotar o avião.

Na cabine do piloto tinha três poltronas, a do piloto, a do ajudante do piloto e a do piloto reserva. Felix se senta na do piloto, Karl na do reserva que fica atrás e Gregory se sentou na do ajudante do piloto.

- Apertem os cintos! Um, dois três, DECOLAR!

O avião começou a sair da superfície, Gregory orientou Felix para ir pelo caminho certo. Quando chegaram na casa do Dragão, eles sentiram muito calor, pois sua casa parecia o inferno. Os três desceram do avião e sentiram mais calor ainda. Estava 39° C.

- Bem-vindos, escolhidos! Parece que vocês conseguiram cumprir os dois serviços. O último não deixarei fácil para vocês. E, só para avisar, ninguém conseguiu completar este desafio até hoje. Talvez vocês sejam os únicos a conseguir. Como dei a todos os outros, entregarei armas e armaduras paranormais.

O dragão entrega uma armadura feita do material grafeno, um dos elementos mais resistentes do mundo, que tem resistência a fogo e uma lança normal.

- Podem vir com tudo!

Felix joga sua lança com toda sua força, mas o dragão desvia com facilidade e acaba acertando bem no centro de um portal. Ele acaba abrindo e ele transmite uma luz muito forte que afeta o dragão. Neste exato momento, Karl e Gregory jogam suas lanças na cabeça do Dragão e as lanças explodem. A cabeça cai lá de cima.

- Nós conseguimos! – Grita Karl.

- É isso mesmo! – Diz Felix.

- Eu não conseguiria sem vocês, muito obrigado! – Fala Gregory.

- Nem a gente! – dizem Karl e Felix.

De repente, a superfície que parecia o inferno, começa a cair em uma velocidade imparável e cai em cima da cabeça do Dragão. Os meninos começam a ouvir elfos gritando seus nomes e comemorando a morte do Dragão. Quando a superfície cai, se faz um estrondo muito alto.

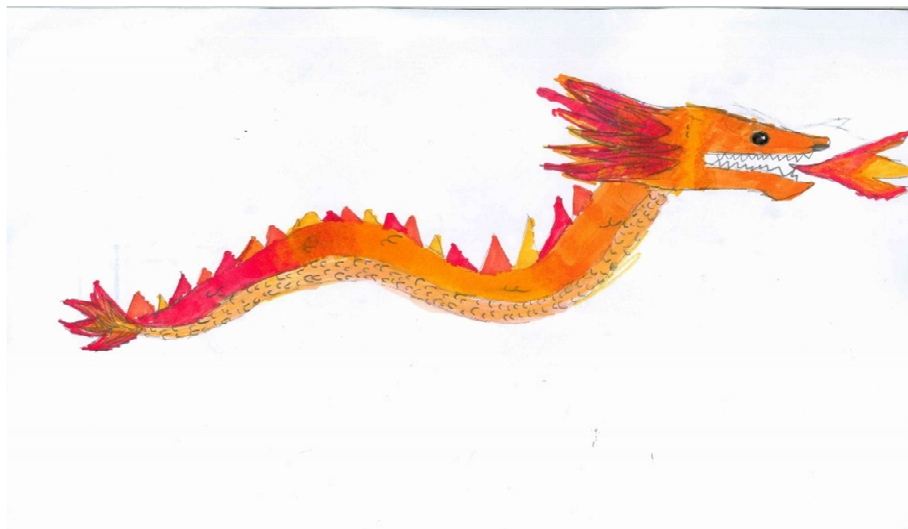
Os elfos fizeram uma festa pela morte do Dragão e para os meninos. Explicaram que o Dragão vivia destruindo casas, flores e elfos e que finalmente estavam liberados daquele Dragão babaca.

Após aquela festa toda, Karl, Gregory e Felix foram teletransportados para o lugar que caíram. Karl e Felix perceberam que o tempo naquele outro universo passava muito rápido e descobriram que no mundo ninguém tinha ido a procura deles, pois nada acontecera lá.

- Está foi a melhor aventura que eu vivi! – Diz Karl.

- A minha também! – Fala Felix.

E eles voltaram para a entrada do Campo do Trevo Verde, onde estavam seus colegas, conversando sobre uma de várias aventuras que os dois iriam viver. A gincana nem tinha começado ainda e Karl e Felix já haviam vivido a maior aventura de suas vidas. O que ainda estaria por vir?



OS AMIGOS

Enzo

Um menino chamado Emanuel tinha dois amigos, Roger e Vini. Vini é um garoto um pouco bravo e Emanuel não gostava que pegassem muitas coisas dele. Roger gostava de jogos.

Um dia, Emanuel e Vini estavam jogando no Play 4 e Roger estava vendo o jogo. Estava um caos e era tanto grito, que a luz quebrou. O grito só aumentou. Vini e Emanuel gritaram tanto, mas tanto, que ficaram roucos e não viam nada. Tinham que achar a saída e um deles esbarrou em Emanuel e pegou no pé de Vini. Todo mundo caiu, mas se levantaram e andaram até a cozinha e não sabiam. Um deles abriu a geladeira.

- Que frio é esse?

- Eu acho que eu abri a geladeira. Peguei!

- Não, esse é o meu braço!

- Agora sim.

Fecharam a geladeira e saíram para a sacada. Dava para ver que estava de noite e decidiram que iam passar a noite ali.

Em 2 minutos eles dormiram e, no dia seguinte, Emanuel acordou primeiro e acordou o Vini e o Roger. Já que estava de dia e o sol iluminava a casa toda, saíram dali e os pais deles foram buscar seus filhos. Era Vini que morava ali.

No outro dia Roger, que estava de pudim porque era Halloween, Emanuel e Vini se encontraram e ficaram muito felizes. Foram pegar doces. Depois de pararem em mais de 200 casas, eles foram para casa do Emanuel comer aquelas guloseimas.

Depois de comer tudo, eles foram brincar no Halloween e uma pessoa estranha falou que se acertasse uma flexa no alvo, ele daria um baú cheio de doce. Emanuel errou, Vini errou e Roger acertou. Ganharam um baú cheio de doce.

No mesmo dia, em casa, na hora de dormir, eles leram segurando uma vela. No dia seguinte, era a viagem para o Litoral Norte. Vini e Roger saíram e Emanuel ainda estava dormindo. Quando ele acordou, estava atrasado para a viagem e fez tudo bem rápido.

Quase com o ônibus indo embora, ele conseguiu entrar no ônibus e se sentou. Viu sua mãe e outros pais sentados na frente para ajudar todo mundo que estava no ônibus. Depois de 2 dias, eles voltaram para Porto Feliz.

Depois de 21 dias, era dia de começar as férias e os amigos foram na casa do Emanuel. Eles dormiram lá.

Quando as férias acabaram, eles foram para a escola. No final da aula era Educação Física. Teve queimada, pega bola e ameiba. Quando Emanuel chegou em casa, viu um filme, almoçou, ficou no YouTube.

No dia seguinte, ele tinha que fazer uma narrativa de aventura. Ele fez uma história de 5 amigos que se perderam na mata. Quando chegou em casa, foi para a cama e ligou a TV, mas ele se levantou e jogou no computador.

No dia seguinte, ele continuou a escrever a narrativa de aventura e os 5 amigos voltaram para casa. Um dos 5 amigos era um impostor.

Hoje é o aniversário da mãe da Emanuel. Ele se lembrou e colocou na sua história. No recreio, Emanuel, Vini e Roger brincaram de pega-pega e, quando ia começar, eles entraram na quadra. Emanuel e Vini eram do mesmo time, mas Roger era do outro time. O jogo começou, Emanuel quase foi acertado por Roger, mas Vini não conseguiu ficar vivo por muito tempo. Ele foi acertado por Rodrigo porque Vini deu uma rasteira para escapar da bola da queimada. O Antônio, que era do time de Emanuel, acertou a bola em Roger. Só faltava o Rodrigo, e a Clara acertou nele. Acabou o recreio e era lanche. Depois do lanche era Artes e depois era hora de copiar o tema e tinha ortografia.

Chegou a hora de ir embora. Emanuel achou uma moeda de 1 real, ele usou a moeda de para nada, já que ele guardou no bolso. Foi para casa, deitou-se na sua cama e ligou a TV. Era mais um dia normal.

Num outro dia, Emanuel chegou em casa e se deitou na cama. Mais um dia normal passou e, no dia seguinte, Emanuel percebeu que era dia da aula de Inglês. Na aula de Inglês, eles fizeram uma votação. Eles fizeram aula de culinária e iam fazer um bolo colorido. Estava todo mundo animado para fazer o bolo colorido. Depois de fazer o bolo, cada um recebeu um pedaço do bolo colorido e seguiram a aula normalmente e foram para o Parque da Redenção. Brincaram de pega-pega e acabou o inglês.

Emanuel chegou em casa, foi para o computador e para sua cama. No dia seguinte, ele estava em um lugar estranho e começou a andar, mas parecia que ia parar no mesmo lugar. Depois de fazer esse processo muitas vezes, Emanuel descobriu que só era um pesadelo e voltou a dormir.

Enquanto isso, Vini estava em um lugar brilhante onde tinha coisas iradas. Quando ele foi pegar uma dessas coisas, ele acordou e ele disse:

- Ah, mas que droga!

Tinha muitas coisas legais e tinha uma coisa estranha na mão de Vini: era uma daquelas coisas iradas. Ele ficou extremamente confuso e feliz. Roger.

No dia seguinte, Roger, Vini e Emanuel conversavam sobre o que aconteceu na escola e no recreio. Conversaram e depois foram jogar queimada. Depois do recreio, a aula seguiu normalmente e o dia passou.

A mãe de Emanuel já tinha adotado o Felipe, que era um gatinho. Ela pediu mais um gatinho, que pegou uma doença que fará a chegada do gatinho atrasar para fazer os procedimentos para que o gatinho chegue em segurança para a casa da mãe de Emanuel.

Depois de 3 meses, três novos amigos chegam em Porto Feliz. Emanuel é o primeiro a conhecer esses novos amigos, eles se apresentaram como Arthur, Francisco e Leila. Depois, Vini e Roger saberiam dos 3 amigos novos.

Quando Vini conheceu os 3 novos amigos ele não gostou muito, mas no fim ele gostou. Roger, só de ver os 3 amigos, já quis amizade. Já era mês do Natal. Comemoraram felizes, receberam presentes.



-A NOVA GERAÇÃO-

*Para Jimin
Francisco Ely*

No ano de 2075, um menino chamado Ji-hoon Young, que era uma criança com superdotação, morava na Coreia do Sul. Ele vivenciou uma GRANDE aventura com a “intolerável” tecnologia desta época. Mas para eu narre para vocês, preciso iniciar desde o princípio.

Naquela época, a tecnologia dominava o mundo dos humanos e eles eram “escravizados” por ela, porém o garoto Ji-hoon acabou revolucionando de tal jeito que mudou completamente a história.

Tudo começou na família dos Young com um menino. Ele tinha cabelos mal penteados loiros e um pouco ondulados, seus olhos marrons claros eram de dar destaque em sua aparência, sua pele era macia e branca como areia no verão, ele usava uma camisa de manga curta azul petróleo na parte do tronco, e nas mangas um tom de azul celeste com duas listras brancas nelas. Ele tinha uma calça padrão bem larga com 4 bolsos (1 em cada lado e dois atrás). Por fim, ele usava um tênis da Vans preto e com o logo branco. Também havia uma parte tecnológica com luzes azuis que brilhavam quando ele dava seus passos.

O menino era muito feliz e xereta, sempre tinha um sorriso em seus lábios e era muito atento com tudo ao seu redor. Tinha reflexos muito bons para quem não treinava seus olhos, mas a única coisa que ele não prestava atenção era na escola, mesmo ele sendo um garoto “educadinho”, havia um motivo para ele nem ligar para escola.

Os pais de Ji-hoon sempre viviam trabalhando. Sua mãe se chamava de Mi-Suk Young (tinha 34 anos), seu pai chamava se de Chae-Won Young (com 37 anos).

O garoto sempre ficava implorando ao seus pais para darem aparelhos e mais Terá Bytes no seu Galaxy Z Fold 25, pois sofria bullying em sua escola, porque “nunca” usou muita tecnologia e era o que menos tinha Wifi da sala.

Quando o menino ia para a escola, acontecia sempre a mesma coisa: sua mãe o acordava, ele vestia uma roupa para ir à escola, comia seus “tecno sucrilhos” e já ia para fora de sua casa. Nessa época, a tecnologia evoluiu tanto que tinha túneis de led azul Royal pela rua, que levava você para o lugar que quisesse, do jeito mais rápido, e só você conseguia

sentir e ver ele (Túnel dimensionar elétrico movido a energia do espaço-tempo quântica = 360 eletromagnética 3D Mc ao quadrado).

Como ele não era bobo, ele ia de skate pelo túnel e chegava 4X mais rápido. Cada vez que ele chegava mais perto da escola pelo túnel, ele ficava com mais vontade de não chegar à escola por causa do bullying.

Quando chegava, avistava os valentões de sua escola. Tentava ir para o outro lado da escola para conseguir entrar sem chegar perto dos meninos.

- Ei! Do que você está tentando correr?! – Os garotos valentões do ensino médio falam
– Você não pode fugir!

O coração do Ji-hoon começou a bater com toda velocidade e deu uma “explosão” no seu pé e correu com o máximo de velocidade possível.

- AAAH! Eles me viram! Preciso correr!

- Você não vai escapar antes de me dar TODO o seu dinheiro!

Ji-hoon se escondeu na sala onde guardavam alguns objetos e instrumentos da escola. Ele trancou a porta do lugar e pegou uma vassoura, que estava lá, para reforço e proteção na porta.

Aquele território estava encaixado ali fazia um longo tempo. Estava velho, com cicatrizes na parede de madeira pintada de branca. Parecia ser um lugar de 2047. No chão do local, estava atirado uma pilha de objetos perdidos. Não tinha nenhum vestígio de janela no lugar. Era abafado e tinha um cheiro de arroz seco com óleo aguçado, uma mistura que tinha um odor para o Ji-hoon.

Os meninos da escola diziam que aquele lugar era assombrado e tinha fantasmas de crianças que ficaram presas lá até a morte. Falavam que havia crânios lá. Ji-hoon lembra deste conto de terror da escola e começa a tremer de medo. Era muito escuro lá.

O menino tenta ver por trás da porta e percebe que o sinal tocou e os garotos não estavam mais lá. Ele tira a vassoura silenciosamente da porta para os professores não descobrirem que ele estava lá. Destranca a porta, vai levemente com seus dedos suados de tanto tremer, mexe lentamente a maçaneta e tenta abrir a porta. A porta não abre.

O garoto começa a passar mal. Cai no chão quase chorando e pensa estar preso para sempre. Será que ele conseguiria sobreviver ou ia virar fantasma como as outras crianças

da lenda assombrosa. Ele toma coragem e tenta procurar vários objetos para destroçar e arrombar a desgraçada porta.

O menino procura, procura e procura até que ele acha algo branco enterrado naquela pilha de objetos velhos. Não dava para entender ao certo o que era aquele misterioso item. Ele puxou com toda sua força e foi desenterrando até conseguir. Quando ele finalmente consegue tirar o objeto inteiro, ele tem um calafrio e sua pressão quase o faz desmaiar: Era um esqueleto de criança e tinha órgãos derramados no chão, o crânio estava muito velho como se tivesse enterrado num poço desde a década de XVIII.

Ele olha para aquelas estranhas partes atentamente, quase fechando os olhos, sem piscar, e começa a suar.

- E... e... eu vo... vou... desmaiar!

No mesmo momento ele começa a ter uma vertigem que aumentava a cada segundo. Ele não sentia mais suas pernas. O menino lutava para não cair duro no chão gelado daquele abandonado lugar. Começou a vislumbrar formas estranhas, pareciam ondas elétricas voando em alta velocidade para o chão. Parecia uma chuva, uma chuva que caía de metros de altura. Caía no úmido lugar e desaparecia.

O garoto cai duro em cima do esqueleto. Não podia sentir seu o corpo, mas continuava acordado sonolento.

Ele olha para o crânio e vê uma pequena escrita. Ji-hoon força seus avermelhados olhos para enxergar com clareza. Abre sua energia e pega força com o máximo de impulso no seu sangue e violentamente bota suas mãos no chão para segurar seu corpo. Lê a escrita e finalmente: Esqueletos de plásticos e órgãos de pano feitos por Júnior. Compra finalizada na Shopee. Obrigado pelo produto. Era o esqueleto da aula de ciências!

Ji-hoon levanta e sente a maior fúria de sua vida. Ele se levanta, pega o esqueleto e arremessa na porta do local. Um vapor cheio de poeira sai de dentro dali. O garoto vai correndo depois de olhar o relógio da escola, percebendo que tinha ficado naquele infeliz e impiedoso lugar por 4 horas.

Ele vai direto até o corredor da escola e escuta o sinal da escola tocando, o que alertou todas as turmas para hora de sair da escola. Ele pula de raiva, pega o tema de sua professora antes de ir embora, fingidamente, como se estivesse a aula inteira na sala, e vai o mais rápido possível para sua casa.

Quando Ji-hoon chega em casa, seu pai está vendo televisão e isso chama muita atenção do garoto, pois ele nunca fica vendo eletrônicos. Ele chega mais perto de seu pai e percebe que ao mesmo tempo que ele estava assistindo aquele estranho canal, também estava vendo no celular alguns aplicativos peculiares cheio de luzes brilhantes e, ainda por cima, estava vendo um tablet com fones de ouvido.

O garoto estava REALMENTE suspeitando e não estava falando nada, mas quando viu sua mãe com o fogão ligado, com uma panela quente dentro, que estava transbordando, ele não entendeu nada até ver que ela estava mexendo em 3 celulares ao mesmo tempo. Agora sim ele tinha que fazer algo.

- Mi-Suk! Chae-Won! Pais! O que vocês estão vendo?! Por que não desligaram o fogão e prepararam o almoço?!

-Ah... - Sua mãe diz num tom amargo - Deixa pra lá filho... Eu quero escutar o vídeo aqui.

- Ji-hoon, não se preocupe, não vai acontecer nada na nossa vida... apenas deixa pra lá e vem assistir TV.

- O que aconteceu com vocês? - O menino pergunta, sem entender nada e corre para seu quarto.

Algo muito estranho tinha acontecido com eles. O garoto olha para janela e se treme de susto. Viu que todas as pessoas estavam “hipnotizadas” olhando para o celular, umas estavam caídas no chão, os carros buzonavam toda hora por nada, o trânsito tinha realmente parado. Estava tudo uma baderna.

Ele não sabia o que fazer, ele era o único ser humano que não estava olhando para uma tela?

O garoto engole um seco e toma uma coragem de ir para sala e ver o que seus pais estavam vendo.

Ji-hoon vai de fininho até lá, caminha silenciosamente e consegue entrar naquele cômodo “elétrico”.

Com seus delicados olhos, tenta entender as peculiares imagens percorrendo sobre aquela luminosa tela. Não sabia ao certo, mas será que havia algo suspeito? Não. Eram humanos na tela? Não. Alguma animação? Dublagem? Legenda? Nada! Só cores piscando, cores que ele não compreendia mais. Isso deixaria todos que enxergassem a brilhante

tonalidade desordenados, ansiosos e nervosos. Ele era o único “acordado” da realidade, e assim ele já conseguia entender o seu papel.

No mesmo momento, recebeu um colapso em seu cérebro, motivadamente ruim, cuja sensação foi de desabitatar sua existência. Palavras estremeçiam e tentavam fugir da gaiola sem fim que seus lábios continham, emocionalmente impiedosas, de um jeito furioso. Queria parar de olhar para aquela claridade, mas algo o concentrava e trancava seu olhar em mais alta onipotência que fosse. Ele não conseguia parar de pensar qual era a veracidade daquilo tudo.

Não dava para aguentar, ele não fechava seus olhos por nada. Muitas perguntas passavam por sua cabeça neste momento e queria terminar com aquilo.

A força desconhecida que empurrava seu corpo para lá, que seus órgãos sentiam com a luz, brilhava para dentro e hipnotizava para fora e algo queria puxá-lo. Seu cérebro estava espichado com a luz que o concentrava. Ele tinha que aguentar e sair dali. Seu corpo usava a força absoluta do interior da alma para avançar. O corpo se mexia sozinho enquanto sua raça queria recuar. A ardência e o tremor de seu sangue por tanto puxar, era de não suportar. Ele tentava se empurrar, porém seu corpo não seguia a ordem.

- MI-SUK! Me ajuda!! Acorda, acorda... ACORDE!!!

Ela não sentia mais seu filho, a tecnologia virtual a prendia. A força virtual havia capturado um ser vivo, mas o garoto ainda não sabia quantos engaiolados aquele-todo-poderoso podia já ter conseguido capturar. Ele sabia que seu fim poderia chegar.

- AGORA NÃO, TECNOLOGIA! TENHO MAIS O QUE FAZEEEEER!!!!!!

Ele usou quase toda a força dos seus punhos para conseguir virar a mão e o seu braço, até conseguir tapar com a mão os seus hipnotizados olhos. Não olhou para a miserável coloração da tela até conseguir sair de lá.

Depois de usar tanta força para conseguir se soltar, como era muito inteligente, começou a tentar realmente entender o que estava acontecendo e quem estava conduzindo essa luz hipnótica. Por que quando um ser vivo olha para essas telas fica viciado nela? Tem alguém por trás disto? Se sim, quem? Por quê?!

Ji-Hoon falava alto para alguém o responder, mas o único som que se escutava ali era o das mensagens, curtidas e likes nos celulares. Só conseguia pensar em perguntas e não respostas. Ele só tinha um jeito de descobrir quem era o envolvido nessa história.

- Já sei! – Ele fala com ideias cruzando sobre seu cérebro – Posso pesquisar quem são os criadores desta nova rede tecnológica!!

O garoto corre para seu quarto e estava prestes a ligar seu computador quando: *Click!*

- Agora que eu lembrei! As telaaaaaaas! AAAh!

No mesmo momento, ele fecha seus “sensíveis” olhos, mas, mesmo assim, consegue sentir a vibração e o ruído do seu computador. Vai se afastando para trás até conseguir perceber que não estava mais perto daquele PC.

- Ufa! Essa foi por pouco.... Vou precisar ir na biblioteca da cidade para encontrar uma resposta para isso.

Então, após este grande susto, Ji-Hoon vai direto ao portão de sua casa para sair, porém acontece algo que ele não previa: muitas forças armadas e vans gigantes estão rodeando a cidade, mas o engraçado era que todos tinham uma roupa escrita *E-Tech-S*.

- O que isso significa?! O que estes homens querem da cidade?! Não posso fazer muito barulho, pois podem me encontrar. Será que eles têm algo a ver com isso? Eles estão hipnotizando as pessoas? Já sei! Na biblioteca posso procurar o dono deste negócio e descobrir por que ele está fazendo isso.

Ji-Hoon segue pelas ruas estreitas da cidade, cuidando para não fazer nenhum barulho. Quando finalmente chega ao seu destino, ao invés de entrar pela porta, procura conseguir achar uma janela e entrar.

- Nossa, tem muitas janelas! Preciso escolher a menos visível.

Após achar a mais precisa, o menino invade o local.

- Agora é só achar o livro, espera... E A BIBLIOTECÁRIA, SE ELA ME VER É MEU FIM!!

Ele toma um impacto em sua cabeça, até perceber que ele estava na frente dela este tempo toda. Mas como ela estava vidrada no celular, nem ligou.

- Nossa, a tecnologia está engaiolando muitas pessoas.

Foi na marra procurar o livro. Demorou muito, pois ele nem podia ver onde estava o livro pelo computador de lá.

Não dava para aguentar mais procurar, quando fala:

- Finalmente!!! Existe uma parte só sobre a tecnologia moderna e quem a criou! Recebaaaa! Obrigado, meu Deus!!!!

Ele consegue achar o livro e agora entende tudo.

- Agora entendi *E-Tech-S* significa Empresa de Tecnologia Superior e o criador e um tal de *Gisul*. Quem é esse cara? Aqui fala onde é a empresa dele e pelo que parece é um prédio gigantesco e no final do prédio existe uma maneira de desligar a tecnologia! Preciso ir até lá!

Ji-Hoon agora estava muito mais ansioso, se sentia muito melhor com esta descoberta. Então ele fez o que faz de melhor: caminhar, caminhar e caminhar até lá.

Na rua, o garoto estava muito nervoso, pois não podia fazer nenhum barulho porque se fizesse, iria ser pego e hipnotizado.

Após 1h30, ele finalmente estava frente a frente ao prédio. Era só subir, quando:

OOOOO!

IIIIII!

OOOOO!

IIIIII!

- Droga!! Preciso subir a escada do prédio rápido! Os guardas estão vindo!! AAAH!

A escada era cheia de buracos, então tinha que pular de um lado para o outro. Havia telas cheia de luzes e, ainda por cima, os guardas eram muito rápidos. Isso significa que ele tinha que correr, pular, olhar para baixo para não ver as telas em cima e, ainda sim, tinha que usar a maior velocidade que ele já correu em sua vida.

Aquele lugar parecia que ficava se tremendo todo. Era todo branco feito de concreto. Dava para saber que os buracos eram feitos de propósito, porque eram retinhos e mais difíceis de subir. A única luz que tinha ficava mais forte conforme você subia. Era uma luz colorida.

Não dava para suportar, estava muito difícil, cada vez tinha que correr mais velozmente.

- FINALMENTE!! O FIM!

Ele sai correndo, abre a porta do último andar, todo mundo o perseguiu, só faltava apertar o botão para a energia desligar quando ele fica trancado naquela sala do pequeno e vermelho botão.

Todas as portas estavam trancadas. Ele estava sozinho ali. A sala era toda preta, não tinha nenhum computador, só havia o botão vermelho no chão e a porta preta também trancada. Ele olha para os lados para ver o local e, quando olha para cima, encontra uma pequena tubulação. A porta dela despenca no chão e o dono de tudo isso sai dela.

- Ora, ora... GAROTINHO! Você quer estragar o trabalho da minha vida! Eu não aguento mais esses humanos, pets e invenções de vocês. Agora eu vou controlar esses seres burrinhos que não mereciam ter existência!

- Mas, mas, senh...

- SEM MAIS! AGORA EU IREI TE DESTROÇAR, SEU FEDELHO!

Ele vai pra cima do garoto, mas, por sorte, o garoto tinha reflexos muito bons e escapa para o lado. O homem, chamado Gisul, cai duro no chão enquanto o menino sai correndo e clica no botão.

Click!

- Consegui!!!!

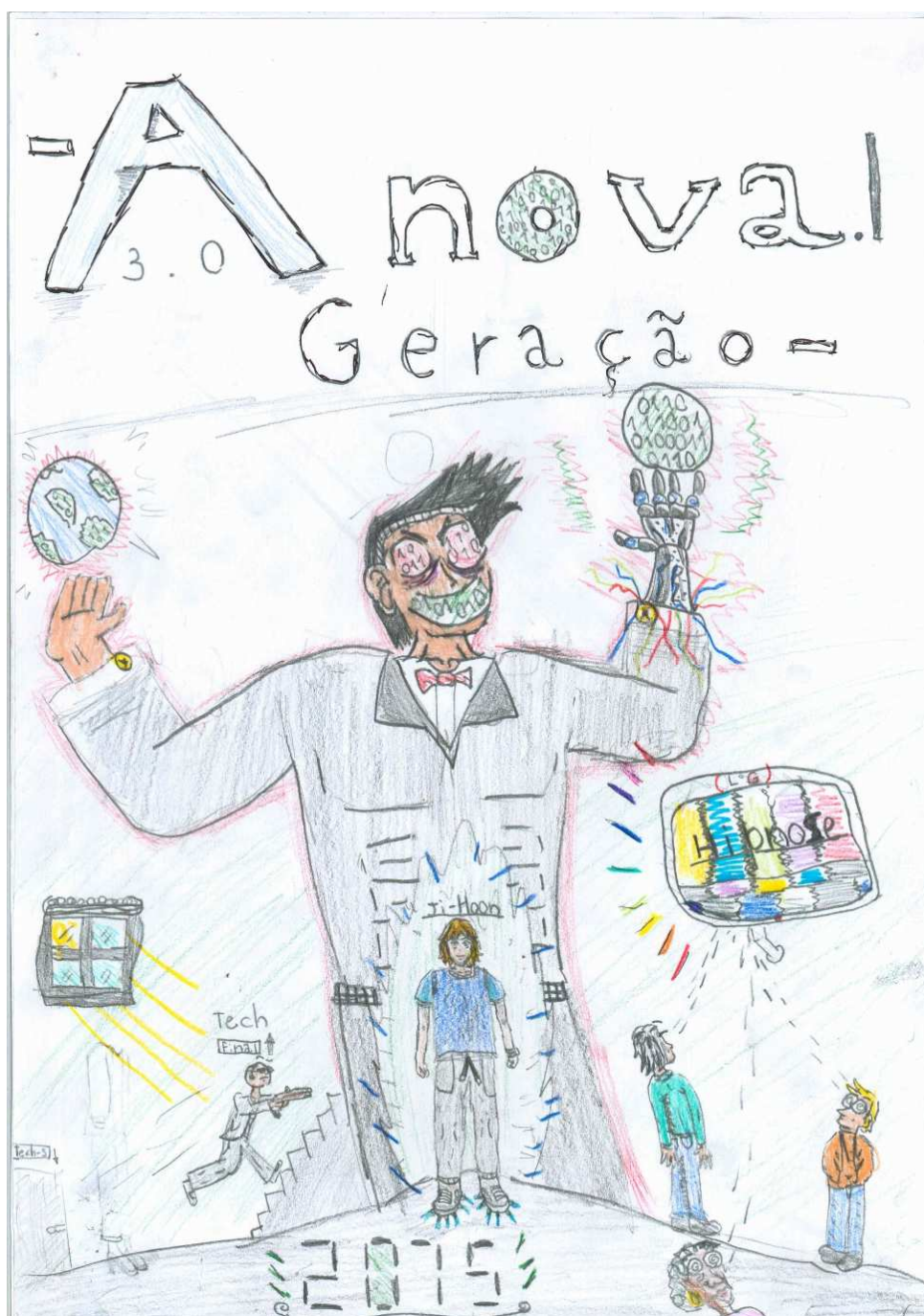
Todo mundo literalmente se “acorda” do vício e ajudam o garoto a sair dali. No fim, todos os que tinham sido hipnotizados se reúnem e destroem a empresa e prendem o Gisul.

- Eu voltarei! EU VOLTAREI!!! FEDELHOOOOO!!!!

Depois desse grande acontecimento, Ji-Hoon volta para sua casa e passa muito mais tempo com seus pais. Todos os garotos que caçoavam de com a cara do menino, agora são os melhores amigos dele. Não passa sequer um dia que Ji-Hoon não lembra dessa incrível e inesquecível memória.

E você, que está lendo essa história, lembre-se também: a tecnologia nem sempre é o que parece!

Fim.



O FIM DO CRIME

Autor: Francisco Fagundes Samuel

Meu nome é Scott, tenho 13 anos, sou filho adotivo do detetive Watson. Eu sou muito alegre, extrovertido e inteligente, tenho cabelo ruivo escuro, pele clara, olhos verdes, meu corpo é magro, uso um suéter vermelho, luvas amarelas e calça verde.

O detetive Watson é muito sombrio, muito inteligente e um mestre em artes marciais. Ele usa um suéter preto, calças pretas e uma luva preta. Ele tem pele clara, cabelos pretos, olhos castanho-escuros.

Tudo começou quando eu estava estudando e Watson me chamou.

- Aconteceu um furto de armas a polícia nos chamou!

Eu respondi:

- Vamos lá!

O lugar do furto era escuro com armários quebrados, vidro quebrado, chão úmido. Lá, Watson e Scott encontraram uma carta de baralho com as digitais do criminoso, um endereço e um revólver com as digitais.

Eu estava curioso e falei:

- Vamos levar as pistas para analisar no laboratório!

Watson respondeu com um tom sério:

- Vamos.

Nós passamos uma semana investigando e achamos alguma coisa, o criminoso era Tim Todd, um mercenário mestre em artes marciais e tiro. Depois da descoberta, falei:

- Watson, eu acho que tem mais um criminoso neste caso.

E ele respondeu:

- Concordo, se ele é um mercenário, alguém o contratou...

No dia seguinte eu estava lendo e Watson me chamou:

- Os pais de um garoto foram assassinados!

Eu fiquei paralisado, o choque foi tremendo, pois lembrei das minhas memórias de quando meus pais foram assassinados. Que memórias terríveis! Para isso nunca mais acontecer com ninguém, comecei a ajudar o Watson nas investigações. O choque me fez desmaiar.

Eu acordei com Watson na minha frente e ele perguntou:

- Você está bem?

- Sim, ótimo!

Então ele falou:

- Eu descobri quem é o outro assassino.
- Quem é?
- É Steve Days, um mercenário com treinamento em tiro, arco e flecha e boxe.
- Ele deve ter sido contratado.
- Isso é bem óbvio, mas eu descobri o endereço dos criminosos.
- Vamos lá? – Perguntei.

Nós chegamos ao endereço. O lugar era muito escuro, cheio de teias, sujo e com vidros quebrados. Eu sentia uma sensação de que tinha alguém atrás de mim e eu estava certo. Alguém nos atacou com uma faca, mas nós desviamos, pois meu treinamento intensivo em artes marciais me salvou.

Watson pegou um bastão, bateu na faca e a jogou longe. Então Watson o surrou brutalmente. O homem estava sangrando, mas o criminoso sacou um revólver e apontou a bala no peito de Watson. Eu me atirei e acertei o rosto do homem com uma voadora, ele caiu pela janela, mas não morreu.

Andamos por lá e percebemos que estávamos perdidos. De algum lugar saiu um gás amarelo e eu desmaiei. Tive vários pesadelos, o primeiro foi do Watson sendo espancado até a morte, o segundo foi o Watson sendo baleado e morto, e o terceiro foi eu caindo em um buraco escuro e uma voz bizarra, dizendo:

- Você é um fracassado, um idiota! Você vai morrer!

Eu acordei em uma cela pendurado em uma janela, dois homens apareceram com enormes facas e fingi que estava desmaiado. Eles cortaram a corda, mas eu me pendurei na janela e dei uma voadora dupla nos dois e atirei os facões pela janela, mas os homens pegaram um revólver e começaram a atirar. Eu me escondi em cima de uma lâmpada e apaguei a luz. Os homens estavam aterrorizados, então eu me atirei, bati na cabeça dos homens, peguei a chave da cela e saí.

Eu estava saindo e vi uma sala escura e uma dúzia de homens, metade armada, atacando Watson. Para minha sorte ele os surrou. Eles estavam sangrando, atirados no chão. Watson estava ferido e eu perguntei:

- Watson, você está bem?

Ele respondeu:

- Sim.

Eu percebi dois rasgos na roupa do Watson e deduzi que dois tiros raspavam na sua roupa. Nós estávamos rastejando pela ventilação e encontramos um endereço. Saímos do prédio, voltamos para casa e eu fui dormir.

No dia seguinte Watson me chamou.

- Scott!

- O que?

- Eu descobri quem contratou os mercenários.

- Quem foi?

- Jason Drake, o chefe da máfia. – Respondeu.

Depois disso, fomos até um outro endereço e entramos pela ventilação. O lugar era muito chique, mas com várias armadilhas e capangas. Eu desliguei a energia, nós atacamos os capangas e os amarramos.

Chegamos ao Jason Drake e ele disse aterrorizado, gaguejando:

-Nã-ao m-me matem...

Watson o atacou sem piedade, mas quando Jason Drake estava a beira da morte, Watson virou as costas e disse:

- Eu não vou te matar, porque eu seria um assassino, um criminoso e eu sou melhor do que isso, seu desgraçado!

Depois disso, Jason Drake foi preso, a máfia acabou e o crime também.



O CRIMINOSO

Leila

Há um tempo, uma garota chamada Annie, de 17 anos, morava em uma cabana com seus pais, que só ligavam para seus trabalhos. Eles tinham pouco dinheiro, mas era uma quantia que dava para sustentar a família. A família era distante uns dos outros. Praticamente todos tinham cabelos castanhos e olhos escuros. Moravam nos Estados Unidos.

A cabana era pequena e velha, feita de tijolos e madeira, as paredes eram cheias de rachaduras e felpas. Na casa tinha dois quartos, um banheiro, uma sala com uma mesa de jantar e uma cozinha de pouco espaço.

Annie tinha cabelo curto e castanhos, como o resto da família. Seu sorriso aparecia diariamente causando um aspecto de felicidade para as outras pessoas. Usava roupas quentes, pois era inverno. Sempre foi curiosa e decidida, gostava de se arriscar e se aventurar. Ela vivia em uma época em que as crianças podiam sair sozinhas sem a supervisão de adultos. Assim, sempre encontrava crianças pelo caminho. Ela conhecia todos em sua cidade, sabia o nome de cada um, onde moravam e suas personalidades.

Um dia, teve uma multidão de policiais em frente a uma estação de trem chamada Station of the Light. Eles usavam roupas escuras com chapéus identificando seu trabalho. Todos eram homens, nenhuma mulher, alguns jovens e outros mais velhos, tinham uma expressão séria e entediada.

Annie tinha que pegar o trem em que eles estavam. Ela sempre quis investigar casos como os policiais e teve uma ideia: como ela estava com uma roupa escura e um chapéu, tentou se camuflar entre os homens. Logo um dos chefes dos policiais a viu misturada entre os policiais e pensou que era um deles. A chamou e disse:

- Venha comigo!!

A menina o seguiu, eles percorreram um caminho longe da estação, um caminho que Annie definitivamente nunca tinha passado. Ela estava nervosa com isso.

Chegaram lá e havia um garoto que parecia ter a idade dela. O policial se espantou em ver a cara dela, pois nunca tinha visto uma menina na agência, comente as suspeitas ou prisioneiras.

- Eh.... Vamos lá, quais são seus nomes mesmo? – Falou o policial.

- Eu me chamo Duncan. – Disse o menino.

- E eu Annie.

- Vamos ao ponto! Vocês são uma dupla e tem que investigar o caso sobre o roubo a uma joalheria. Apenas me sigam!! – Falou firmemente o policial.

A dupla seguiu o policial e foram à delegacia. Eles colocaram uniformes, Annie estava ansiosa com a situação, se perguntava como foi parar naquela delegacia e naqueles uniformes. A roupa era uma farda tradicional de policiais, um azul escuro para não ficar chamativo demais, um chapéu identificando que eram investigadores. No bolso, um bloco de notas e uma caneta azul.

A jovem olhou para o menino e viu que ele tinha olhos verdes e cabelos curtos e marrons. Annie se perguntava se ela que era muito baixa ou ele era muito alto.

- Bem, vamos ao ponto novamente: vocês têm que ir reto para chegar na joalheria. As janelas estão quebradas, as luzes apagadas e há muitas, mas muitas joias faltando.

Annie e Duncan foram no caminho desejado e avistaram a joalheria muito mais detonada do que imaginaram. As janelas estavam totalmente estragadas, os cacos de vidro iam até longe, a porta estava arrombada e com um buraco que parecia ser de um ponta pé, muitas das lâmpadas estavam atiradas e quebradas, as joias, nenhuma mais havia, todas foram roubadas violentamente.

- Eu não sabia que era um lugar tão detonada. – Disse Duncan.

- Eu também, claramente ele explicou errado ou nem tinha visto nada sobre o caso.

- Respondeu a garota.

- Ali tem uma porta entreaberta, que tal entrarmos?

- Tem certeza.... Essa porta não está me dando um bom pressentimento..

- Não pense assim, lá deve ser apenas um depósito ou algo assim.

Eles entraram e os dois se apavoraram ao ver o que eles viram.

- Esse tal de “depósito” que você falou não é um depósito, mas sim um local de assassinato! – Gritou Annie espantada.

- Er.... era um roubo certo? Não um assassinato...

A vítima estava de olhos abertos, mas com uma faca em seu corpo. Havia sangue nas paredes, nas estantes e no cadáver. Era uma mulher de cabelos escuros como a noite e os olhos esbranquiçados pela morte. Sua pele era pálida pelo mesmo motivo, usava um vestido branco que agora já estava vermelho e que ainda havia uma etiqueta que dizia seu preço. Seus sapatos de salto eram vermelhos, em seu vestido ensanguentado tinha um crachá escrito Sarah (Recepcionista de Joalheria). Ela parecia ser jovem e ter em média 23 anos.

- Percebi que ao lado do bolso da mulher tinha alguma coisa que caiu, é errado eu olhar? – Disse Duncan.

- Não faço a mínima ideia... – respondeu Annie.

Mesmo assim Duncan pegou o objeto ao lado do bolso e era apenas um cartão da loja. Ele olhou para os lados e depois para Annie dando um sorriso. Pegou a bolsa da mulher e achou um batom um pouco estranho.

- Você tem certeza de que pode fazer isso?

- Não sei – respondeu Duncan – mas eu precisava olhar isso, esse batom está muito estranho.

- Um batom?! Como você sabe que pode ter alguma coisa estranha com ele?

- Já tive experiências com isso.

O jovem quebrou o batom ao meio e dentro havia um bilhete dizendo: O próximo local do crime é a lavanderia.

- Lavanderia? – Disse Annie lendo o bilhete – Por que uma lavanderia? E por que mais um crime?

- Não sei – respondeu Duncan – mas é melhor irmos até a lavanderia mais perto.

Eles caminharam duas quadras e chegaram até a lavanderia Laundry Land, que estava bem vazia, havia apenas um cliente e o balconista, que se assustaram ao ver policiais entrarem na loja. Annie estava preocupada sobre a parte do bilhete que dizia sobre um novo crime. Eles examinaram a lavanderia e viram uma porta parecida com a porta do “depósito” da joalheria.

- Podemos entrar ali? – Perguntou Annie ao balconista.

- Ali é o caminho para os apartamentos do prédio, mas vocês têm permissão para entrar. – Disse o balconista.

- Deve ser o próximo local de assassinato. – Sussurrou Duncan para Annie – Talvez a vítima seja um morador ou até alguém da loja.

Eles entraram e viram que era do mesmo designer da joalheria, as paredes beges velhas e amarronzadas, o chão era um carpete que devia ter mais de 20 anos, havia uma estante totalmente vazia e uma escada enferrujada onde eles subiram. Havia 3 apartamentos: 101, 102 e 103. Todos eram pequenos e deviam ter apenas um quarto.

Annie e Duncan caminharam até o 102 porque viram a luzes acesas. Então bateram na porta:

- Quem é? – Perguntou alguém dentro da casa, abrindo a porta.

- Detetives da delegacia – Respondeu Annie.

O homem era de meia idade, magro e usava óculos sobre o nariz. Suas roupas eram sujas e rasgadas, seu pouco cabelo era branco cinzento. Ele não parecia estar muito feliz e sim mal-humorado.

- Estamos investigando um caso – disse Duncan – um caso de assassinato e roubo e temos suspeitas que...

- Não tenho nada a ver com isso! – Gritou o homem da casa irritado, batendo a porta.

- Ele não entendeu!

- Vamos bater de novo!

- Já disse que não tenho nada a ver com isso!

- O que queremos dizer é que temos suspeitas que o próximo assassinato pode ser nesse prédio, não que você é o assassino.

- Oh.... Sério?

- Se estamos dizendo que sim, é porque é sério!

- Tá.... Mas o que vocês querem?

- Apenas saber: teve algo de suspeito no prédio ou no bairro que você possa nos contar? Se sim, o que? – Perguntou Duncan, pegando seu bloco e caneta para anotar.

- Sexta passada, um homem encapuzado entrou na joalheria aqui do lado, achei um pouco suspeito porque, pelo o que eu avistei, ele ficou parado na frente da entrada. Sábado de manhã, bem cedo, ele entrou novamente e passou uns 15 minutos e eu ouvi um grito vindo da loja. Depois não avistei mais nada.

- Você sabe mais alguma coisa ou característica física do homem?

- Como eu disse, ele estava encapuzado.

- Muito obrigado!

- Adeus! – Disse o homem acenando e entrou de volta para a casa.

Eles saíram e voltaram para a delegacia onde o policial disse a eles que o dia havia acabado e poderiam voltar para casa.

Duncan já estava em sua cama revirando suas anotações e olhou para a janela e viu um homem encapuzado indo em direção a lavanderia. Só podia ser o assassino. O homem entrou na lavanderia, Duncan não sabia o que fazer. Ir até lá podia ser perigoso. Ligar para a polícia? Mas porque se ELE era a polícia e ele mesmo poderia ir até lá. Ele desceu as escadas do seu apartamento e ouviu um grito vindo da lavanderia, era a voz do balconista.

Ele ligou para Annie, que atendeu espantada pelo horário. Ela não sabia como ele conseguira seu telefone. Duncan explicou tudo e eles decidiram ligar para seu chefe, que também atendeu assustado.

- Amanhã vocês vão lá – Disse o chefe, com um áudio meio estranho – irei mandar policias “de verdade” nesse exato momento.

No outro dia, eles caminharam assustados até a lavanderia que perdeu sua cor e estava toda escura de um modo que tiveram de pegar lanternas. O balconista não estava porque lhe fora informado do acontecimento. Eles subiram as escadas e foram até o apartamento 101, que estava interditado.

Havia o corpo de um jovem de cabelos escuros, roupas pretas ensanguentadas e com machucados no rosto. Ao seu lado havia uma faca também ensanguentada. A sala tinha um sofá branco com manchas vermelhas, uma TV, ao seu lado havia a cozinha com uma geladeira e um balcão com pia e fogão, o quarto estava com a porta aberta, era um quarto comum para um jovem.

- Pobre garoto, ele devia ser inocente. Essa faca.... Vamos leva-lá, podemos pedir para que analisem as digitais. Pensando naquele batom, pode ter mais alguma coisa desse tipo aqui...

- Por que o assassino daria pistas de seu próximo crime?

- Hum.... Talvez ele tenha uma dupla que nem a gente, essa dupla poderia não querer ajudar no assassinato, então ele colocou pistas discretas.

Eles procuraram em toda a casa, gavetas, armário, estantes, lençóis especificamente diferentes, entre livros e então acharam dentro de um livro um recado mais longo que os outros onde dizia: agora deve acabar os assassinatos, ele tentará fugir para outra cidade, matar e viver lá. As características dele são poucas, apenas um capuz preto.

Após saber que os assassinatos naquela cidade iriam acabar, se aliviaram, mas ao saber que agora seria em outras cidades, se preocuparam. Eles queriam apenas que aquilo acabasse. Cada vez que eles iam a mais um local, mais mistérios apareciam e os outros ficavam ainda mais confusos.

Os policiais foram até a delegacia e mostraram a faca. No outro dia, acharam um suspeito pelas digitais, seu nome era Victor Thompson e já tinha um histórico ruim e já havia feito outros assassinatos.

Agora eles apenas precisavam encontrar o tal assassino. Decidiram ir até uma outra cidade e ficar lá por alguns dias, pois aquela era a cidade que eles suspeitavam ser a próxima.

- Bem, aqui estamos! – Disse Annie.

- Se realmente for aqui, onde acha que ele pode ir?

- Sinceramente, não faço ideia.

- Vamos ir até um dos locais mais conhecidos daqui.

Eles foram até um mercado e observaram como era o lugar, se lembraram de que todos os seus crimes conhecidos foram em prédios em que tinha uma porta como a do depósito do primeiro assassinato ou a da escada para os apartamentos. Chegaram num mercado, mas não se parecia nada com os últimos locais dos crimes.

Foram em mais três e no terceiro tinha uma porta daquelas. Desta vez era em um beco sujo e vazio com apenas uma lata de lixo verde. Passaram 3 dias e, finalmente, viram o

assassino. Só podia ser ele, pois o homem usava o mesmo capuz escuro como a noite. Eles já iam avisar a polícia quando o criminoso desapareceu completamente.

- Como ele fugiu tão rápido? – Disse Annie, desesperada.

- Não sei, mas ele deve estar por perto, não vamos perder tempo – Disse Duncan.

Eles procuraram pelo beco, perguntaram para o moço do mercado, foram até alguns apartamentos e finalmente o avistaram.

- Ali está ele! – Gritou um dos policiais.

Correram até o homem que, ao observá-los, correu direto para um carro preto que fugiu em alta velocidade. Os detetives entraram no carro da polícia e o seguiram. Todos os moradores ficaram espantados naquela perseguição de tão alta velocidade.

Finalmente chegaram em um caminho sem saída. O criminoso estava cercado, não tinha como fugir. O criminoso saiu do carro. Felizmente ele não tinha nem um tipo de armas. Ele levantou as mãos para o alto e então um dos policiais disse:

- Agora você não pode fugir!!

Perceberam que havia alguém mais no carro, que ao ouvir a polícia, saiu do carro espantado e nervoso:

- Por favor, eu não queria ter feito aquilo junto com ele...

- Eu sabia que tinha mais alguém! – Disse Annie.

- Mesmo assim iremos prender os dois!

- Esperem! Eu e Duncan investigamos e tinha bilhetes de pistas que achamos que pode ter sido ele que escreveu. Vamos comparar as letras.

Entregaram um post-it para ele escrever as palavras CRIME, LAVANDERIA e ASSASSINATO. A letra era exatamente a mesma, aquele homem parecia ser inocente.

- Viram? – Disse o ajudante do criminoso – Foi ele que decidiu tudo! Estou tendo que trabalhar para ele há 3 semanas.

Eles levaram os dois para a delegacia e decidiram que iriam prender o criminoso por 10 anos na prisão. O ajudante dos crimes ficou preso 4 anos.

Depois de 3 meses tudo estava bem, tirando as vítimas. Annie decidiu continuar com seu trabalho de investigação e então ela passou o resto de sua vida resolvendo casos em sua cidade.



A PORTA MISTERIOSA

Nina

Era uma vez um menino de 12 anos. O nome dele era Felix e ele morava nos EUA. Ele amava pinguins e via vários “memes” de pinguins. Achava que os pinguins podiam ter poderes psíquicos como a Eleven (de Stranger Things).

Como estava muito frio porque era inverno e os pinguins iam para o litoral Gaúcho, os pais de Felix decidiram se mudar para o litoral do Rio Grande do Sul. Felix ficou feliz.

Quando o menino chegou, saiu correndo para a praia e tinha um monte de pinguins. Um pinguim não largou o menino, então Felix decidiu perguntar para os pais se ele podia ficar com o pinguim. O pai de Felix falou:

- Meu filho, você não pode ficar com ele porque esses animais só vêm aqui para o litoral no inverno.

Felix ficou triste e o pinguim também. Felix deu um nome para o pinguim: Pingo. Ele o escondeu na mochila, na hora que os pais o chamaram.

Chegaram no hotel e Felix foi para o quarto. Felix, como tinha 12 anos, podia ficar num quarto sozinho. Quando Felix foi para o seu quarto, soltou Pingo e foi tomar banho. Quando Felix voltou, viu o pinguim quebrando a porta.

Quando ele conseguiu quebrar a porta, saiu correndo e Felix correu junto. Eles correram até a praia e o Pingo começou a chorar. O garoto não sabia por quê. Quando ele olhou para a frente, viu que nenhum pinguim estava lá. Então ele se arrependeu de ter botado Pingo na mochila. Felix falou:

- Desculpe por ter te colocado na mochila!

Felix decidiu entrar no mar. Entrou e começou a se afogar. Pingo o ajudou a nadar, mas ele se afogou mais ainda. Começou a gritar e berrar. O pinguim não sabia o que fazer, então ele correu até os pais de Felix e mordeu os dois para eles seguirem o pinguim. Conseguiram salvar o menino.

Se passaram dias, meses, anos e Felix já estava ficando cansado de tentar ajudar Pingo a voltar para casa. Então ele largou Pingo no meio da praia e foi embora. A praia era suja com sacolas, canudos largados no meio do mar, com papeis de balas e chicletes na areia, com garrafas de Coca-Cola no chão. Como Pingo não sabia o que era sujeira, começou a nadar naquela água podre e suja. Nadou e nadou até chegar no seu habitat natural.

Quando chegou lá, um casal o viu cheio de lixo grudado em seu corpo e quase morto. Os dois eram veterinários. Quando viram Pingo quase morrendo, correram para sua clínica e tentaram salvá-lo. Pingo tinha desmaiado e, duas horas depois, ele acordou.

O casal o pegou no colo e o colocou no mar. Ele não estava conseguindo nadar por causa de sua asa que estava quebrada. Se passaram dias e sua asa não melhorava. O casal não teve escolha, além de fazer uma cirurgia na sua asa. Quando ele tomou a anestesia, começou a ficar zozzo e desmaiou. Três horas se passaram, de novo o casal tentou colocar ele no mar, mas ele não conseguiu e saiu da água. Pegaram Pingo no colo e falaram:

- Acho que vamos ter que cuidar de você, pinguim! - Fala a mulher calmamente.

- Concordo. - Fala o homem olhando para Pingo.

- Ok! Então vamos nos apresentar. Meu nome é Cida - Fala Cida sorrindo.

-E eu sou o Roberto, marido de Cida.

Pingo olhou para os dois e depois olhou para os lados. Ele viu que ali não tinha nenhum pinguim como ele. Roberto e Cida não sabiam o nome dele, então o chamaram de pinguim mesmo.

Quando Pingo estava caçando peixes, ele viu duas focas, que comem pinguins, mergulhando. Como Pingo era meio burro, ele achou que fosse um peixe gigantesco e foi atrás das focas. Quando as duas focas se tocaram que havia só um pinguim na área, foram para cima dele, tentando atrair ele para seu ninho para os filhotes comerem Pingo.

Quando Pingo estava encostando na foca, ele percebeu que não era um peixe grande, então Pingo começou a nadar tão rápido, mas tão rápido que, quando ele foi ver, já tinha passado da clínica veterinária e ido para uma cidadezinha bem pequena. Então ele pulou dentro da cidade e se escondeu lá por 8 minutos.

Quando Cida saiu de casa para ver o pinguim, viu que ele não estava mais lá. Então ela começou a correr por todos os lugares, até que Cida percebeu que só restava um lugar: o lugar onde eles faziam os pinguins de escravos. Os pinguins que não obedeciam viravam comida. O lugar era chamado de Khalid Tuck. Era uma cidade desconhecida, cheia de lixo revirado, casas de madeira, roubo, armas, crianças chorando.

Cida correu o máximo que podia. Quando chegou lá, viu Pingo obcecado por 6 peixes num anzol. Cida agarrou o peixe e saiu tentando disfarçar que ela havia salvado Pingo. Então ela cochichou:

- Ainda bem que você é um pinguim bem pequeno.

Pingo virou a cabeça como um cachorro confuso. Cida olhou para traz e dois homens começaram a persegui-la. Ela decidiu gritar para Roberto que trabalhava lá.

- Roberto! Socorro! Ajude-me!

Roberto saiu e foi em direção aos homens. Ele chegou discretamente, como se fosse um vulto solitário. Foi em cima do primeiro homem, botou um saco de supermercado em sua cabeça e fez um nó entre sua cabeça e seu pescoço, derrubando-o.

O primeiro homem já havia morrido, só restava o segundo homem. Mas havia um problema: ele era muito alto. Então Roberto não conseguiria fazer a mesma coisa que fez com o primeiro homem.

Teve a ideia de pegar a faca que ficava no seu trabalho de cortador de peixe e enfiou no peito do segundo homem. Roberto pensou duas vezes antes de fazer o que isso. Ele olhou para o pulso direito do homem e viu uma foto de uma mulher e duas crianças. Ao fundo tinha um sol bem bonito e o céu era azul, tinha árvores e uma grama bem verde-limão.

Quando Roberto viu a foto, viu que o homem não estava seguindo Cida. Ele estava seguindo sua mulher, que estava ao lado de Cida. Cida olhou para o seu lado e viu uma mulher com 2 crianças, então perguntou para a moça:

- Moça, eu acho que te conheço?!

- Não - fala a moça, cabisbaixa.

Cida deu meia volta e foi para dentro do Petshop. Então ela percebeu que ela tinha feito Pingo dormir. Enquanto Pingo dormia, Cida encontrou mais 2 pinguins.

Colocou-os numa estufa de pinguim. Quando Pingo acordou, escutou barulhos de outros pinguins desconhecidos. Pingo seguiu os barulhos e foi até uma estufa de pinguins. A estufa era um lugar bem alegre, ela tinha 3 piscinas cheias de peixes de vários tamanhos e cores, mas havia um lugar naquela estufa que ninguém podia entrar por causa que lá tinha um animal desconhecido, que nunca se viu na vida.

Pingo olhou para uma porta com aviso escrito: por favor, não entre, perigo de morte. Como Pingo não sabia ler, foi abrindo a porta devagarinho. Quando os outros 2 pinguins começaram a grunhir, Pingo parou na mesma hora e foi ver os outros dois. Quando Pingo olhou para eles, entrou na estufa onde eles estavam e ele percebeu que um dos dois pinguins era fêmea e tinha um filhotinho, que ainda estava no ovo. Como Pingo já era mais velho, foi pegar alguns peixes para dar a fêmea.

Depois de Pingo ter cuidado do filhote, ele chegou até Cida e começou a puxar a blusa dela com a boca. Levou-a até a estufa do filhote. Quando Cida olhou, viu só um pequeno ovo. Então olhou para a porta perigosa e para o ovo e falou:

- Eu acho melhor eu trancar esta porta com vocês dentro!

Pingo saiu deslizando no gelo que tinha dentro da estufa. Pingo parou e olhou o chão. Começou a pular. Cida olhou a cena e lembrou que os pinguins gostavam de nadar para pegar peixe. Ela começou a cavar até a piscina de peixe e a barreira que separava os peixes.

Cida juntou tudo, parecia um arco-íris, só que mais bonito. Como Cida tinha um celular, ela tirou várias fotos.

De noite, Cida já tinha apagado as luzes, mas ela havia esquecido de trancar a porta com o animal feroz. Pingo estava nadando, quando o ovo começou a chocar. Nesta hora, Pingo saiu correndo até o ovo e começou a olhar ele chocando. Começou a ajudar ele quebrando as cascas, até que eles escutaram um barulho muito estranho.

Na mesma hora do barulho, o filhote nasceu. Pingo ficou mordendo o cadeado até ele quebrar, mas não esperava que aquele animal feroz estava ali. O animal colocou a pata debaixo da porta e quase conseguiu pegar o filhote. A pata do animal era meia cinza com vermelho e estava coberta de sangue. Pingo correu para a piscina para pegar um peixe para dar ao animal feroz. Então, sem querer, ele pegou um baiacu e botou na pata do animal.

Três minutos se passaram, o animal começou a rosnar e a dar gritos como se estivesse morrendo. Ele parou. Pingo, como era curioso, olhou de baixo da porta para ver o que tinha acontecido. Quando ele olhou, viu que ele não era um mostro, ele era um lobo. Ele tinha filhotes. Pingo ficou se perguntando se ele não tivesse dado o baiacu para o lobo ele não teria morrido? Pingo ficou pensando a noite inteira.

De manhã, Cida estava com uma criança no colo. A criança se chamava Augusto. Como Cida não tinha mais onde deixar ele, teve que levar o Augusto no seu trabalho. Então ela o deixou no lugar onde ficava os coelhos para Augusto brincar. Como Augusto não era mimado, aceitou ficar onde os coelhos ficavam. Quando ele estava indo para o lugar dos coelhos, viu o lobo ali largado no chão. Então Augusto gritou:

- MÃEEE, TEM UM LOBO MORTO NO CHÃO!

Cida saiu correndo até o corredor e pegou o lobo no colo. Levou até sua jaula. Ela entrou dentro da jaula e falou para Augusto:

- Meu filho, espere um pouco, seu pai já vai vir com a sua irmã.

Augusto concordou com a cabeça e foi para a jaula de coelhos. Seis minutos se passaram e Ronaldo bateu na porta com a irmã de Augusto, que se chamava Clara e era mais conhecida como Clarinha.

Ronaldo perguntou para Augusto onde estava Cida. Augusto deu os ombros, então Ronaldo foi embora. Se passam 4 horas e Cida ainda não havia voltado. Clara e Augusto

foram até a jaula dos pinguins e fecharam a porta. Dois minutos depois, os irmãos escutaram um grito de medo e os alarmes começaram a disparar.

Os dois pegaram os pinguins no colo e abriram todas as outras jaulas. Levaram os animais para fora e colocaram os pinguins na água. Eles nadaram em direção ao sol, mas os irmãos ainda ficaram com uma pergunta na cabeça: o que aconteceu com a Cida?



O ROUBO JAMAIS DESCOBERTO

Olivia

Em 2012, Ana se aproximava lentamente da porta da casa onde Martina e Matheus Smith a esperavam com um sorriso no rosto. A menina de 12 anos morava, até então, com um homem cruel que batia nela a todo segundo, com diferentes instrumentos.

Agora, Ana chegava de trem da casa na casa de seus novos pais adotivos. Eles eram casados, Martina tinha 41 anos e Matheus 43. Precisavam de uma criança para alegrá-los e acharam que uma menina seria perfeita para isso.

- Olá! Me chamo Ana. Se vocês não se incomodarem, falo bastante. As pessoas batiam em mim por causa disso. Acho uma completa injustiça. As palavras tão lindas, encantadoras e que com poucas sílabas podem mudar a vida de várias pessoas, elas precisam ser expressadas por alguém não acham? Posso entrar? Essa casa é linda! Essa pintura, esse verde, esses animais e vocês!

- Oh! - Exclamou Martina - Acalme-se, criança. Adoramos pessoas alegres e tagarelas, por isso a trouxemos para cá.

Martina abriu a porta do estabelecimento e o encanto estava lá dentro. As paredes de um branco como neve se prolongavam pela casa inteira, tendo algumas partes repletas de quadros com paisagens realistas e delicadas.

A cozinha, cheia de apetrechos únicos, abrigava valiosos objetos como panelas de madeira, colheres de prata, copos de vidro e louça toda trabalhada na porcelana, guardada em louceiros.

Ana passava lentamente as mãos compridas e sujas nos pássaros de porcelana, nos colares pesados de ouro, nos vasos com plantas magníficas.

Quando a criança entrou no seu aposento, chegou a chorar, pular e gritar de alegria. As grandes janelas corriam pela parede verde-oliva, fazendo-a contemplar a extensa vista de flores, árvores e morros.

Ana paralisou quando se aproximou de um canto atrás do armário e olhou pela janela. Uma enorme cerejeira de flores brancas praticamente invadia o grande quarto.

De um dos lados, havia uma cama de casal arrumada com lençóis brancos como plumas e travesseiros floridos com cores vibrantes. Ao lado da cama havia uma mesa toda

trabalhada na madeira, com um prato acompanhado de uma jarra de porcelana bem delicada.

Ana se virou para Martina, que sorriu para ela docemente e abriu os braços. Depois de alguns segundos só se encarando, Ana se jogou nos braços de sua nova família.

Depois de conhecer a casa, a criança almoçou e saiu correndo da casa para brincar no quintal.

Uma semana depois, a família Smith foi convidada para um almoço na casa dos Jones, que sabiam de Ana e queriam conhecê-la. O casal seria obrigado a levá-la junto.

No dia tão esperado, Ana botou seu melhor vestido de mangas bufantes e trançou suavemente seu cabelo negro para ir ao chique almoço.

Depois de alguns momentos gloriosos na carroça, passando por campinas alegres e árvores floridas, finalmente avistaram a grande mansão dos Jones. Martina havia contado a Ana que na rica família tinha duas crianças, Gilberto e Fred Jones.

A criança, bem contente e expressiva, não aguentava mais de ansiedade para conhecer os garotos. Impressionada, contemplava a mansão vermelha com detalhes dourados. Os jardins,

- Ah! Os jardins! - Gritou alegremente em sua cabeça.

Chegando lá, um Matheus diferente e receoso tocou suavemente a aldraba e logo recuou. Martina, com um suspiro, tomou seu lugar e produziu o estrondo tão temido por Matheus e suspirou novamente, batendo com o pé na relva.

Alguns segundos depois, a grande porta se abriu e mostrou um mundo mágico. As escadas eram de um mármore azul-Royal e, no primeiro degrau, Ana viu uma família que parecia ser recheada de amor praticamente posando para uma foto.

Gilberto, de 12 anos, tinha cabelos lisos e bagunçados de um marrom encantador. Seus olhos verdes como a copa de uma goiabeira encaravam Ana de um modo diferente.

Fred, de 4 anos, tinha cabelos loiros e leves. Com olhos azuis e sonhadores, olhava para os jardins como se não tivesse visita.

Kelly, a mãe, tinha os cabelos negros presos em um coque enfeitado com rosas muito vermelhas, semelhantes a seus lábios, que sorriam docemente. Seus olhos, iguais aos de seu filho mais velho, sorriam também.

Jonh, o pai, tinha cabelos grisalhos e sustentados por um gel seco. Estava bem concentrado, tentando fazer desaparecer as rugas de seu rosto, mas não tinha resultado. Seus olhos eram diferentes dos de toda a família, de um marrom muito, muito escuro. E contemplava Martina, Matheus e Ana com certa antipatia.

- Vamos, vamos entrando! – Exclamou docemente Kelly, depois de alguns segundos de silencio. – O almoço já está pronto. No final, vai esfriar.

Sentaram-se para comer e devoraram tudo, conversando sobre diversas coisas. Gilberto fez um sinal a Ana para saírem da mesa. Ana se levantou rapidamente e foi em direção a Gilberto. O menino sussurrou:

- Venha, te mostrarei a casa.

Animadamente, Ana assentiu e depois de cinco segundos parada, correu para alcançá-lo. Conversavam abertamente e gargalhavam enquanto percorriam a casa no tão famoso *tour*. Ana estava tão encantada que de repente estancou, sorrindo sem que o menino percebesse.

Olhou ao seu redor e viu uma porta na qual não haviam entrado. Curiosa como sempre, se aproximou dela e, cuidadosamente, a abriu, produzindo um baixo rangido, que logo cessou. A sala era imensa e tinha vários pedestais com caixas de vidro. Dentro havia joias de ouro e prata, ruby e esmeralda, cristal e diamante, todas iluminadas por pequenas luzes individuais.

Encantada, nem percebeu os gritos de Gilberto a procurando. Rapidamente, abriu uma das caixas que continha uma pulseira delicada de ouro com borboletas de cristal e a escondeu em sua bolsa.

Fechou a porta no momento exato em que Gilberto dobrou e entrou no corredor que continha a tal porta.

- Ana? – Perguntou Gilberto desconfiado – Se perdeu, né?!

- Isso, isso... – Gaguejou Ana – parei para contemplar aquela estátua e você seguiu adiante.

- Aham...

- Então...

- Humm...

- Né...

Depois dessa desconfortável conversa, que aconteceu porque não tinha uma estátua ali, seguida por alguns segundos de silêncio, ouviu-se um berro vindo da sala de estar:

- ANA!

Ana e Gilberto se olharam assustados e desataram a rir.

- GILBERTOOOO!

Ana e Gilberto se olharam novamente ainda rindo e entre os soluços. O menino balbuciou que deviam ir logo e Ana concordou. Gilberto começou a correr e, depois de checar a bolsa, a menina também foi sorrindo.

Já na carroça, Ana contava alegremente ao casal suas aventuras com Gilberto, omitindo apenas seu furto.

Chegando em casa, Ana foi direto ao seu quarto e guardou a pulseira na gaveta da penteadeira. Foi em direção a porta e, insatisfeita, a guardou dentro de uma delicada caixinha com um veludo vermelho dentro.

Depois de uma semana ainda guardando a pulseira, recebeu um convite de passar a tarde na casa dos Jones, com Fred e Gilberto. Animadíssima, nem percebeu que, querendo ficar bonita para ver os meninos, colocou a pulseira e seu vestido azul e saiu alegremente.

Chegando na casa percebeu que estava com a pulseira. Estava sem tempo. A carroça se aproximava da mansão. A pulseira não saía de modo algum. De repente, depois de um puxão, a pulseira saiu voando e se perdeu no gramado.

Ana deu um berro depois de finalmente entender o que tinha acontecido.

- Parem a carroça!

- Ora, por que, Ana? Pelo que eu me lembre, você estava animadíssima para visitar Gilb... digo, os meninos!

- É verdade. Devo ter sonhado com algo.

Ainda desesperada, teve uma ideia inusitada.

3, 2, 1 e pulou da carroça. Ouviu um grito de Matheus. Tudo estava girando em sua mente, sentiu suas mãos agarrarem a pulseira, Ana só teve tempo de fechá-la em seu pulso e as dores acabavam com ela. De repente, tudo escureceu.

Acordou tonta em seu quarto, Martina estava sentada em uma cadeira ao seu lado. Olhou disfarçadamente para o pulso e, vendo que a pulseira permanecera ali, colocou seus braços embaixo das cobertas e tirou a pulseira, a escondendo de baixo do travesseiro.

- Oh! Pobre Ana! Você sofreu um acidente terrível!

Ana começou a chorar, sabia que havia sido grave.

Martina se levantou. A sua menina precisava descansar. Se perguntou por que a jovem murmurara a palavra pulseira tantas vezes durante o desmaio.

O telefone tocou, Martina foi atender. Era Kelly Jones, que gritava e chorava contando que sua pulseira havia sido roubada. Ana ouviu do quarto a conversa e, assustada, se perguntou se Martina havia visto a joia em seu pulso. Martina avisou Matheus, que opinou que era melhor irem.

- Mas e Ana?

- Ela ficará bem.

Martina subiu ao quarto da jovem e avisou-a de que iriam sair e por quê. Pensou nas possíveis provas de conseguirem e se deu conta de que precisava arquitetar um plano para esconder a joia e se esconder também.

Gilberto sabia que tinha acontecido algo durante o *tour*, mas não sabia o que era. Ele era esperto, mas será que tanto assim, a ponto de pensar que uma menina fofa como ela faria isso?

Se Ana se fingisse de boba e pedisse para ver aquela porta como se nunca a tivesse visto, e dissesse que realmente não passaram por ali, talvez cobrisse o que ela havia feito. Matheus e Martina não sabiam o que tinha acontecido no dia do acidente, também podiam associar. Kelly também estranhara a falta dos dois na mesa, ou seja, pode ter pensado que Ana e Gilberto estavam juntos nessa. E o que mais a preocupava era a questão de Jonh. Ana achava que parecia que ele daria um murro em sua cara a qualquer momento. Ao pensar nisso, Ana riu.

Tinha de esperar notícias antes de entrar em ação e isso podia demorar um pouco. Então, se aprontou adequadamente para a missão, isso significava montar armadilhas no quarto dela, decorar o que dizer caso descobrissem, treinar como agir perfeitamente e seguir com a mentira.

Isso a fez pensar por que tinha feito aquilo. E como. Sim, como. Ela tinha sentido algo estranho ao fazer isso. Era como se algo tivesse a dominado e não queria sair. Uma menina fofa como ela faria isso?

Depois de várias horas só filosofando, Martina e Matheus entraram na casa e escutaram Ana gritar:

- Notícias? Descobriram? Acharam? Encontraram?

- Acalme-se, criança! Nenhuma notícia, não descobrimos nada, nem achamos nada e nem encontramos nada.

Ana sabia por quê.

- Vou ajudar, quero ver o lugar que foi roubado.

- Mas você já viu, foi a mansão.

- Sim, eu digo a salinha.

- Como você sabe que foi uma salinha? - Perguntou Martina desconfiada - Não disse uma palavra sobre isso.

- Gilberto me disse durante o tour que ele fez comigo...

- O que? Que o roubo acontecera em uma sala de joias?

Xiiiiii.... Ferrou! - Pensou Ana.

- N-Não, que tinha uma sala de joias, então associei...

Ana correu para o quarto “encantada com o jeito incrível” que Martina adotou para acusá-la. Foi quase! Se ela não tivesse prestado atenção... Bom, agora que eles voltaram era hora de agir. Ana colocou a pulseira, tirou os lençóis da cama e fez uma escada com eles. Pretendia descer pela lateral da casa para correr até os estábulos, montar a cavalo e “provar sua inocência” na casa de Gilberto.

Na hora em que se atirara presa na corda, parou com medo, o que lhe causou um grande corte na perna. Depois disso, tomou coragem e pulou. O impacto foi grande, mas nada que comparasse seu machucado na perna.

Correu até os estábulos, montou no mais nobre cavalo e partiu com um coração pequenininho e indefeso, pronto para mentir.

Chegando lá, tocou suavemente na porta e levou um susto quando viu uma enorme lagarta rastejar pelo jardim, o que a fez escorar-se na porta e causar um barulhão. Ana se assustou, mas a porta se abriu rapidamente.



No primeiro degrau, Ana viu uma família que parecia ser recheada de amor, mas que, no momento, a encarava tristemente, praticamente posando para uma foto inadequada.

- Olá! Vim ajudá-los. Soube do crime. Que horror, não?! - A última frase ela soltou da boca desconfortavelmente.

- Pois é. Mas para nós o horror é que foi você! - Disse Gilberto.

- O que?

- Sim.

Ana estava chocada demais para continuar a negação. Como os Jones descobriram tão rápido?

Ana começou a correr e, derrapando nas curvas pela casa, ouvia o barulho de algo quebrando e, logo depois, um grito estridente de Kelly, que a perseguia.

De repente, se deparou com a escada, toda família corria atrás dela. Começou a subir a escada. Aquela escada cansava um monte e precisava parar. Parou. Ainda recuperava o fôlego, quando um grito ecoou:

- ANAAAAAAAAA!

Ela parou para perceber que era um chamado diferente, não bravo. Olhou em direção a escada e viu Gilberto ofegando igualmente e dizendo:

- Acalme-se. Sei que não foi por mal e que está desconfortável com a situação, mas agora só precisamos achar um jeito de devolver a pulseira ao seu devido lugar sem que percebam para podermos dizer que não foi você e tudo voltar ao normal.

- Gil, você precisa saber de uma coisa.

- Diga.

- Quando roubei a pulseira, senti como se estivesse sendo controlada por algo e sinto o mesmo enquanto sigo com a mentira. E mais, acho que devo admitir que roubei, ser castigada e então tudo voltar ao normal.

- Será, Ana? – Perguntou Gilberto. – Acho que o certo seria a minha ideia.

Certo não era e Ana sabia disso. Seguir com a mentira? Fazer parecer que não tinha feito nada?

- Okay. Arquitetaremos o plano e partiremos ao próximo passo.

Ops! O que ela tinha dito mesmo? Com certeza não era o que ela queria. De repente, ela se viu dentro de uma missão que, de fora, parecia divertida. Pensaram que se houvesse uma distração, era possível uma vitória. Gilberto era perfeito! Ele diria que Ana estava no lado oposto da salinha e assim conseguiriam devolver a pulseira.

Ana esperou no 2º andar enquanto ouvia as conversas lá de baixo. Quando a gritaria cessou, ela percebeu que a barra estava limpa. Desceu correndo as escadarias, foi até a

salinha enquanto pensava em como os Jones descobriram. Raciocinando, nem percebeu que ainda continuava parada na frente da porta.

Entrou, colocou a pulseira no lugar e saiu correndo a tempo de ouvir o rebuliço se aproximar e mostrar a sala para eles, certificando-se de que estava agindo corretamente, olhando para Gilberto, que sorriu docemente a ela, mostrando-lhe de que sim, ela agia corretamente e conforme o plano.

Com isso, a vizinhança se acalmou e tudo voltou ao normal, como os dois jovens queriam. Algumas semanas se passaram, e a amizade de Ana, Gilberto e Fred ia crescendo e se tornando algo que nunca, jamais, Kelly, Jonh, Martina e Matheus haviam visto.

A INCRÍVEL VIAGEM AO ESPAÇO SIDERAL

Escrito por: Rodrigo



Era Natal, dia *25 de dezembro*. Uma família estava reunida numa casa em um condomínio chamado Gira Mundo. Nessa casa havia um menino chamado Francisco, os pais dele se chamavam Neymar e Antônia.

Eles estavam comendo e bebendo na mesa de jantar. Francisco comeu rapidamente e saiu da mesa para ir ao quintal da casa. Enquanto ele olhava com seu binóculo fixamente para a lua e pensava em seu sonho que era ser astronauta, passou uma estrela cadente e ele pediu que ele fosse astronauta.

Depois disso, a família dele chegou e pegou ele pela mão e o levou para dentro de casa dizendo:

- Meu filho, está muito frio para ficar fora de casa!
- Ok, mãe! Eu vi uma estrela cadente e fiz um pedido.
- Qual pedido, filho?

- Pedi que um dia eu pudesse ir para o espaço sideral de foguete.

A mãe de Francisco ficou impressionada com o sonho de seu filho. Ela achava que seria ganhar um PS4 ou ganhar um PC gamer com kits led, mas não...

Depois, ele foi para o seu quarto e botou o pijama para dormir. No dia seguinte, Francisco levantou da sua cama e foi botar a roupa. Ele desceu rapidamente as escadas e foi para a mesa do café. Francisco se sentou na cadeira e viu a quantidade de comida que tinha na mesa. Ele comeu pão com ovo e um outro pão com Nutella.

De repente, Francisco começou a querer mais ainda o seu sonho. Ele pediu a sua mãe para ir na loja de LEGO no shopping. A mãe ficou achando estranho e perguntou para ele:

- Por quê?

- Porque eu quero ver se tem um LEGO de foguete que seja grande!

-Ok, filho, mas se for muito caro nós não vamos comprar.

- Está bem... - Francisco responde desanimado.

Eles pegaram o carro e foram para o shopping. Quando eles chegaram no shopping, estacionaram o carro, desceram dele, foram em direção a escada e subiram ela. Depois entraram no shopping.

Foram para a loja de LEGO e viram que tinha mesmo um LEGO de foguete bem grande. Os dois foram ver quanto estava o preço, a moça que estava no caixa da loja falou que estava R\$ 1 119,90. Antônia, mãe de Francisco, disse:

- Filho, não dá. Está muito caro, eu já estava imaginando que ia ser caro demais!

- Não, mãe! Eu pago metade, quer dizer, TUDO! - Francisco gritou bem alto.

- Filho, não berra que nem uma galinha! Aliás, não vai dar para comprar hoje, eu prometo que dou de aniversário para você.

- Está bem...

Antônia pediu desculpa para a moça do caixa. Os dois saíram da loja rapidamente e foram para casa. O pai, ansioso para montar o LEGO, escutou a campainha da casa e foi atender a porta e estranhou que não tinha nenhum lego. Francisco disse que a mãe não deixou porque estava muito caro.

Eles foram preparar o jantar, que era sushi. Foram comer e, enquanto comiam, o pai de Francisco disse:

- Filho, no seu aniversário eu vou lhe dar um presente que seja útil para você.

- Ok, mas o que seria?

- Eu ainda não sei.

Cada um foi para o seu quarto dormir. Mais tarde da noite, a campainha tocou novamente e o único que acordou foi Francisco, porque ele tinha um sono leve. Com medo, olhou no olho mágico. Francisco não conseguiu reconhecer quem estava na porta e resolveu ir correndo acordar os seus pais:

- Pai, mãe, acordem! Tem uma pessoa muito estranha na frente da nossa porta!

Os pais, lentamente acordaram, e foram ver o que estava acontecendo. Todos foram ver a câmera de segurança:

- É verdade! Realmente tem uma pessoa na frente da nossa porta!

A mãe, que é a pessoa que mais olha a câmera de segurança, disse:

- É melhor nos escondermos! Ele está entrando pela porta dos fundos!

- Ah! Todos nós vamos ser assassinados por um “monstro astronauta”!

- Então vamos logo se esconder!

Quando eles olharam para trás, viram o “astronauta monstro” indo na direção deles, caminhando. A roupa dele era branca com sujeira preta, um capacete de astronauta todo arranhado, rachado e até um pouco quebrado.

- Gente, vamos logo!

- Ok!!!

Francisco, Neymar e Antônia subiram a escada correndo e cuidando para ver se o astronauta ia subir a escada, mas, quando eles viram o astronauta, perceberam que ele estava sem o capacete. Acharam estranho e o pai perguntou com medo:

- Você não é um monstro?

- Não! Eu sou o dono da loja de LEGO que vocês foram. Soube que o seu filho quer viajar para o espaço sideral.

- Cala a boca, isso não é da sua conta! Aliás, você invadiu nossa casa no meio da noite e eu vou até ver que horas são! Agora é uma e meia da manhã!!

- Ok, desculpa, eu só queria convidar o seu filho para entrar num foguete e ir para lua comigo. Queria perguntar isso para o seu filho, mas se ele não quiser...

Neymar pergunta para Francisco se ele quer ir para a lua com o astronauta e depois Francisco diz:

- Eu quero! Se vocês deixarem, eu vou!

- Se você quer ir, pode ir filho! Você vai realizar o seu sonho!

- Eba!!!!

Depois o piloto responde:

- Eu vou ir embora, o horário que Francisco precisa chegar na NASA é 4h45min da manhã, no dia 24 de janeiro.

Depois o astronauta foi embora da casa. Era 4h18 da manhã e os pais de Francisco ficaram bravos por causa desse estresse todo. Não conseguiram dormir. Eles estavam com muito sono e, por isso, dormiram até tarde.

Chegou o dia mais esperado pelo Francisco. A verdadeira aventura havia acabado de começar.

Francisco acordou às 2h45 da manhã, foi tomar café e depois foi se arrumar. Quando colocou a roupa, se tocou que não tinha roupa de astronauta e, na hora, entrou em pânico. Rapidamente desceu a escada e foi falar com a sua mãe. Antônia não sabia como resolver essa situação e ela pediu que Francisco perguntasse para o seu pai:

- Pai!! Eu não tenho a roupa certa para usar no foguete!!!

Neymar respondeu:

- Lembra que, no dia seguinte, depois do Natal, eu disse que ia te dar um presente que seria útil para você usar?

- Sim, por quê?

- Porque eu vou te dá-lo agora!

- Nossa! Obrigado! Mas o que é o presente?

- É uma roupa de astronauta! Eu lembrei que, quando eu era criança, o meu pai era astronauta e, quando ele morreu, eu herdei a roupa dele. E eu te dou esta roupa!

- Pai, muito obrigado!

- De nada, filho!

Francisco botou a roupa e terminou de se arrumar para ir para a NASA com sua mãe, já que se pai estava trabalhando e, por isso, não foi levar Francisco.

Ao chegar lá, Francisco e sua mãe ficaram nervosos porque não sabiam onde era para ir. Os dois perguntaram como se fossem uns malucos. Eles perguntaram para uma pessoa e ela disse que ia ser em outro posto da NASA, que ficava meia hora de lá.

Os dois ficaram mais nervosos ainda e correram para o carro. Chegaram na NASA e foram recebidos pelo astronauta, que falou:

- Gente, vocês estão pensando o que!? Estão dez minutos atrasados! Mas enfim, se despeçam e vamos lá garoto!

- Tchau, mãe! Eu vou sentir saudade!

- Eu também, filho! Tchau!!!!

- Tchau!!!!

Francisco foi com o astronauta para o foguete e eles se prepararam para decolar. Francisco se arrumou e se sentou no banco do foguete.

- Preparado? - Perguntou o piloto.

- Sim! - Respondeu Francisco.

- Então, vamos lá!

Eles se prepararam para a decolagem e, quando eles ficam prontos, escutaram:

- Preparados? - Perguntou a torre de comando.

A contagem regressiva começa:

- Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, zero!

O foguete decola com Francisco achando o máximo. Os dois olham pela janela e Francisco vê a NASA do alto. Naquela manhã, Francisco havia acordado muito sedo e dormiu no banco do foguete.

Francisco estava sonhando que estava na lua, comendo-a porque era de queijo. Quando Francisco acordou, ele estava num lugar que era todo branco, com alguns buracos que, no fundo, eram pretos com pequenas montanhas e dava para ver alguns satélites.

O dois estavam se divertindo muito até que Francisco começou a ficar no ar e o piloto do foguete teve que salvar ele.

- Socorro!! – Gritou Francisco, com medo.

- Se acalma! Aqui, quando a gente se estressa, ficamos pesados e, quando a gente pula, nós ficamos no ar!

- Ah tá! Entendi!

Francisco botou os pés no chão e depois os dois foram explorar mais a lua. Quando eles chegaram num lugar bom, onde eles poderiam botar a bandeira da NASA, o piloto lembrou que ele havia esquecido a bandeira no foguete. Ele diz para Francisco:

- Bah, eu esqueci no foguete a bandeira que nós deveríamos colocar aqui neste lugar!

- Caramba! Nós temos que voltar, né?!

- É verdade!

Os dois voltaram para o foguete, já cansados e foram procurar a bandeira. Depois, quando acharam, eles voltaram até aquele lugar. Só que, quando chegaram, perceberam que não era o mesmo lugar e que estava diferente. Depois, o piloto falou:

- Nós vamos ter que botar a bandeira num lugar diferente!

- É verdade!

O piloto botou a bandeira e os dois concordaram em dar mais uma volta na lua para eles irem embora. Depois de um tempo caminhando, os dois olharam para o robô chamado Perseverance que era para estar em Marte. Porém, naquele momento, o robô estava na lua.

Eles se esconderam para espionar o robô e, depois de um tempo, eles ficaram com a sensação de que o robô era legal.

E era mesmo. Francisco e o piloto foram até ele e ele interagiu com os dois, que estavam se divertindo tanto, que o piloto perguntou:

- Você tem namorada?

Depois o robô respondeu com voz robótica:

- Não! Eu sou só um robô, eu não sou humano e nem tenho sentimentos!

Depois que o robô falou isso, os dois riram muito, depois ficaram exaustos e resolveram voltar para o foguete. Eles se prepararam para voltar para a Terra. Decolaram e voltaram para a Terra muito alegres e felizes.